



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**TECENDO CAMINHOS ESCRITURÍSTICOS NAS PÁGINAS DA HISTÓRIA:
CARTOGRAFIA DA ESCRITA FEMININA NA IMPRENSA CAMPINENSE (1950)
(Tipo: Monografia)**

Ajanayr Michelly Sobral Santana

CAMPINA GRANDE – PB

2010

**TECENDO CAMINHOS ESCRITURÍSTICOS NAS PÁGINAS DA HISTÓRIA:
CARTOGRAFIA DA ESCRITA FEMININA NA IMPRENSA CAMPINENSE (1950)**

Ajanayr Michelly Sobral Santana

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em
História apresentado à Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito para obtenção do grau de graduado

Orientadora: Dra. Maria do Socorro Cipriano

CAMPINA GRANDE – PB
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S232t

Santana, Ajanayr Michelly Sobral.

Tecendo caminhos históricos nas páginas da história [manuscrito]: cartografia escrita feminina na imprensa campinense (1950) / Ajanayr Michelly Sobral Santana. – 2010.

72 f.: il.: color.

Digitado.

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) –
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2010.**

“Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano, Departamento de História”.

1. Imprensa. 2. Mulher. 3. Campina Grande. I. Título.

21. ed. CDD 070.483 47

Ajanayr Michelly Sobral Santana

**TECENDO CAMINHOS ESCRITURISTICOS NAS PÁGINAS DA HISTÓRIA:
CARTOGRAFIA DA ESCRITA FEMININA NA IMPRENSA CAMPINENSE
(1950)**

Aprovado em: 16 / 12 /2010.

BANCA EXAMINADORA:

Maria do Socorro Cipriano 10,0

Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano

DH/UEPB
(Orientadora)

Vanuza Souza Silva 10,0

Profa. Doutoranda Vanuza Souza Silva

DH/UEPB
(Examinadora)

Martha Lucia Ribeiro Araújo 10,0

Profa. Mst. Martha Lúcia Ribeiro

DH/UEPB
(Examinadora)

CAMPINA GRANDE - PB
2010

DEDICATÓRIA

Ao que eu tenho de mais precioso na vida, minha mãe Maria do Carmo Sobral da Silva, pela paciência, companheirismo e confiança.

A minha orientadora Maria do Socorro Cipriano, pela dedicação e afetividade, sem ela não seria possível a realização deste trabalho.

A minha querida Thália, pelos maravilhosos e inesquecíveis anos que passou ao meu lado, na espera de um reencontro – quando formos gatos (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, que me incentivaram a não desistir nunca dos meus sonhos: a minha mãe Maria do Carmo Sobral, aos meus irmãos Arlan Sobral e Arthur Sobral, a minha tia avó Teca, a meu avô João, a minha tia Cida e ao meu tio Edilson, ao meu primo Felipe Sobral que mesmo de longe me acalmou com seu carinho e cumplicidade e a minha linda sobrinha Vitória que nem bem chegou já trouxe alegria para as nossas vidas.

As minhas gatas: Capitu, Antonieta e Flor, pelos belos carinhos quando me tiraram da frente do computador, ronronando e miando para brincar ou para comer.

A minha orientadora Maria do Socorro Cipriano, e as professoras que aceitaram participar da banca examinadora: Martha Lúcia Ribeiro Araújo e Vanuza Souza Silva pelas contribuições neste trabalho.

Aos meus professores e professoras: Patrícia Cristina Aragão, Josemir Camilo, Adoniram, Manuela Aguiar, José Luciano Aires, Maria José Oliveira, Baby, Faustino Neto, Luíra Freire, Flávio Carreiro de Santana, Jomar Ricardo Silva, Alberto Coura, Maria Giselda, Auricélia, Matusalém.

A Socorro que trabalha na coordenação do curso de História pela ajuda e disponibilidade.

Aos amigos e amigas do curso: Janailson Macedo Luís, José Emerson Macedo, Thomas Bruno Oliveira, Elliard Bezerra, Eraldo Maciel, Ramon de Alcântara, Flávio Barbosa, Isis dos Santos, Moisés, Germana Guimarães, Emerson Tavares, Wagner Tavares, Bruno Gaudêncio, Liélia Barbosa, Emanuel, José Thiago, Hezron, Júlio César, Fabiana, Heloísa, Aluska (in memorian), Karliana, Diego, Jefferson, Vito, Marcilo Ramos, Janielly, Elane, Érica, Mônica e as meninas de geografia Suana, Aline e Ellen.

E aos demais amigos e amigas que me arrancavam de casa sempre nas horas de “sufoco”: Renata Macedo, Poliana Nunes, Érica, Sylvana, Rosa, Heloísa Queiroz, Livia Cantalice, Mayara, Luciana, Alan Dourado, Laura e Cláudio, Eline e Alan, Jô, Marcela, Xenia Maia, Raquel.

A minha família EJC, pelas orações, conselhos e pelo cultivo na fé em Deus: Diego Dantas, Jefferson, Boniek, Nathalia, Alana, Renan, Vinícius, Eduardo, Stephanie, Amanda, Ana Cecília, Aninha, Brawner, mainha Marinete e painho Raimundo.

E por último e não menos importantes, as pessoas que me concederam entrevistas: Socorro Brasileiro, D. Zefa, e as demais que, de alguma forma me ajudaram no trabalho através de memórias e conversas informais sobre as escritoras que tenham pesquisado: Margarida Brasileiro, Tavinho Mirando, Graziela Emerenciano, Vilma.

A todos e todas, Obrigada.

Ajanayr Michelly Sobral.

RESUMO

O presente trabalho analisa a escrita feminina na imprensa campinense na década de 1950, através de crônicas, poemas e colunas sociais, com destaque para as escritoras Terezinha Brasileiro Souza e Sevy Nunes. Tomamos como fonte os textos produzidos sobre o feminino bem como os discursos e as imagens produzidos na imprensa local, sobretudo nos jornais *O Momento* (1950-51), *Formação* (1950), *Evolução* (1958-59) e *O Rebate* (1950), e na revista *Ariús* (1952-54). A fim de reconhecer e valorizar a visibilidade feminina na imprensa, este trabalho contextualiza a importância da escrita feminina, sobretudo no universo de uma sociedade que sugere essa escrita como uma prática que não ocupava um lugar previamente moldado pela intelectualidade campinense. Assim, abordaremos a temática em periódicos que se constituem como uma janela de acesso a atividade da escrita, ampliando sua função no espaço público na cidade de Campina Grande. Desta forma, convergimos o nosso olhar para outra questão: selecionar os lugares e discursos na imprensa campinense sobre as propagandas de produtos domésticos e as imagens de mulheres desempenhando atividades do lar, buscando a imprensa “atraí-las” para o espaço privado que foi durante muito tempo reservado para elas.

Palavras-chave: escrita feminina, imprensa, iconografias, memórias.

RÉSUMÉ

Cet article analyse l'écriture des femmes dans la presse sur le Campinense dans les années cinquante, à travers des chroniques, des poèmes et des colonnes de bavardage, en particulier les écrivains Terzinha Brasileiro Souza et Sevy Nunes. Nous en tant que source des textes produits sur la femelle que les discours et les images produites dans la presse locale, en particulier les journaux *O Momento* (1950-51), *Formação* (1950), *Evolução* (1958-59) *O Rebate* (1950), et le magazine *Ariús* (1952-54). Afin de reconnaître et de renforcer la visibilité des femmes dans la presse, cette étude met en contexte l'importance de l'écriture féminine, en particulier dans la population d'une société qui donne à penser que l'écriture comme un pratique qui pas occupé le précédemment moulé ne place en forme par des intellectuels Campinense. Si, discuter du sujet dans des revues qui sont constitués en une fenêtre d'accès à l'activité d'écriture, d'élargir son rôle dans l'espace dans la ville de Campina Grande. Ainsi, converger nos yeux à une autre question: au choix des endroits dans la presse et aux discours Campinense publicités sur les produits de consommation et des images de femmes exerçant des activités des ménages, qui cherchent à appuyer sur le «leurre» eux dans l'espace privé qui a longtemps pensé pour eux.

Mots-clés: écriture féminine, la presse, l'iconographie, les souvenirs

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Capítulo 2:

Imagem 01 – Moças da sociedade campinense -----	37
Imagem 02 – Cuidados da saúde da mulher -----	43
Imagem 03 – Propagandas de produtos domésticos -----	48
Imagem 04 – Produtos de higiene e embelezamento da mulher -----	50

Capítulo 3:

Imagem 05 – Fotografias Terezinha Brasileiro Souza -----	54
Imagem 06 – Fotografias Sevy Nunes -----	64

SUMÁRIO

Introdução: -----	10
Capitulo 1: Sobre Histórias de mulheres: escrituras e moda -----	19
1.1 Apontamentos para o estudo de gênero na Paraíba: a mulher, a imprensa e a moda -----	26
Capitulo 2: Femininas, elegantes e maternais: imagens e discurso do Feminino e os jogos discursivos na imprensa-----	32
Capitulo 3: As escritas femininas -----	46
3.1: Terezinha Brasileiro Souza: uma vida entre papéis-----	46
3.2: Sevy Nunes: traços de uma colunista social -----	55
Considerações finais-----	59
Fontes Consultadas: -----	61
Referências: -----	63

Introdução

O trabalho apresenta uma discussão sobre as escritas femininas, com destaque para as escritoras Terezinha Brasileiro Souza e Sevy Nunes. Neste sentido, buscamos refletir acerca da atuação feminina na imprensa campinense¹, através de crônicas, poemas e artigos sociais publicadas nos periódicos: O MOMENTO, FORMAÇÃO, O REBATE, EVOLUÇÃO e a revista ARIÚS².

Para tanto, abordamos a importância de algumas iniciativas de mulheres na cidade de Campina Grande, na década de 1950, que se inseriram na escrita jornalística, enfrentando os mecanismos de exclusão e disciplina, alterando ou não, a partir de seus escritos, sua forma de ver e estar nessa sociedade. Mulheres que acabaram por produzir outros saberes e outras práticas culturais deixando-se descobrir a si mesmas, ainda que por alguns poucos momentos.

Através de suas escritas, essas personagens reafirmaram a importância de uma dizibilidade e uma visibilidade feminina mediante sua prática no universo de uma sociedade que sugere a escrita como algo próprio do masculino. Com esta compreensão torna-se válido pensar porque a escrita feminina na imprensa campinense se apresenta com poucas escritoras, quando se compara essa realidade com a produção intelectual masculina. E ainda, perceber não somente como se deu a repercussão da escrita feminina, mas também como na própria imprensa foram elaborados discursos e imagens masculinizados sobre o processo da inserção feminina no espaço público local, no período estudado.

Desta forma, ao cartografar as escritas femininas no fazer jornalístico, buscamos verificar quais espaços foram edificados para mulheres através de seus encontros com o poder e o saber de uma imprensa predominantemente masculinizada, e quais as possibilidades de

¹ Apesar de seu processo de modernização e do grande desenvolvimento econômico, em Campina Grande, não foi significativa a cultura jornalística nas primeiras décadas do século XX, devido a pouca duração de muitos jornais que circulavam na cidade. Também, destacamos aqueles jornais de produção independente, produzidos com recursos próprios de intelectuais e letrados. A cidade só ganhará uma produção jornalística duradoura em 1957, com a fundação do Diário da Borborema, fundado por Assis Chateaubriand.

² *O Momento*, dirigido por Celso Rodrigues, e tendo como Redator Celso Menezes, seu primeiro número foi editado no dia 17 de setembro de 1950. Na pesquisa encontramos exemplares dos anos de 1950-1951; desconhecemos a existência de mais exemplares deste semanário. *O Formação* foi fundado em 1950, a partir de uma organização estudantil Campina Grande, O Centro Estudantil Campinense. *O Rebate* foi fundado em 1932, com os diretores Luís Gil de Figueiredo, Pedro D'Aragão e Eurípedes Floresta de Oliveira. *Evolução*, o seu primeiro número semanal foi publicado nos dias 2 a 9 de maio de 1958. Era de propriedade da Gráfica Evolução S/N, com Diretor Aristides Lúcio Vilar Rabelo, e Redator-chefe Josué Sylvestre da Silva, com correspondente nas capitais e principais cidades do Nordeste. Encontramos exemplares dos anos de 1958-59, desconhecemos outros exemplares dos anos seguintes. Ariús, com Diretor Egídio de Oliveira Lima. Encontramos exemplares avulsos dos anos de 1952-1955.

acesso à esfera pública que incentivaram a escrita feminina permitindo-lhe (re) elaborar outros discursos para o feminino.

Ao trabalhar com a temática mencionada, partimos do pressuposto de que as suas escritas marcam uma (re) configuração no espaço público em Campina Grande no período citado. Por esta razão, pretendemos não apenas desenvolver um estudo sobre a presença feminina na imprensa, como relacionar suas escritas às mudanças ocorridas na cidade e aos discursos e imagens produzidos no âmbito intelectual. Para tanto, discutimos brevemente a modernização em Campina Grande, sobretudo nos anos 50, período no qual a modernização foi sentida de forma mais intensa, acompanhada por transformações urbanas e sociais³.

Na cidade de Campina Grande, em meados do século XX, a modernização urbana, favorecida pelo contexto do desenvolvimento da produção algodoeira, possibilitou que seus habitantes vivenciassem um clima de vanguarda, inspirada pelos discursos progressistas, proporcionados pelos governos municipais e apoiados pelas elites locais, alterando as relações sociais da cidade

Apesar do trem, do cinema, da energia elétrica chegarem à Campina Grande nas duas primeiras décadas do século XX, foi especialmente a partir dos anos 30 que sua modernização urbana teve início, com mudanças significativas no governo do prefeito Vigneaud Wanderley, trazendo novas cartografias e mudanças no cotidiano e nas vidas das pessoas.

As elites comerciais, juntamente com grupos políticos que atuavam na cidade criaram novas instituições – praças e clubes sociais – como espaços de sociabilidades. Tais mudanças estruturais afirmaram a Rainha da Borborema como uma cidade avançada e com um estilo de vida moderno. Os costumes e os comportamentos cotidianos da cidade passaram a se inserir nas preocupações da administração pública e de intelectuais, que transmitiam, nas folhas de jornais, os modos de bem civilizar-se. Era um dever público zelar pela ordem e moral da cidade, e um dever da imprensa denunciar certas irregularidades praticadas pelos cidadãos.

Observamos, através do editorial dos jornais pesquisados, os discursos norteados pelo desejo de modernidade, cenário em que a imprensa estava muitas vezes mais empenhada do que o Estado no funcionamento dos comportamentos dos indivíduos, passando a denunciar atitudes consideradas como desvios do que deveria ser o ideal de uma “postura civilizada”. Encontramos em vários jornais, que se reportam ao contexto supracitado, histórias, como as

³ Alguns trabalhos foram produzidos sobre o processo de modernização em Campina Grande, levando em consideração as mudanças ocorridas na esfera pública e privada. Alguns autores começam a enfocar também os lazeres da população campinense nas décadas de 1940-1950. Sobre este assunto ver os trabalhos que nos ajudaram a compreender os lugares percorridos por mulheres nessa época: Antonio Clarindo Souza (2002) e Fabio Gutemberg Sousa (2006).

de “um morador de um prédio [que] joga lixo na rua” e a imprensa alertando as autoridades públicas para tomarem iniciativas quanto ao local de depósito de lixo, devendo a “Prefeitura determinar lugar certo e afastado de habitações para o derrame do lixo coletado”. Eis um trecho dessa matéria a que nos referimos:

“Isto Acontece em Campina Grande”

(...) após a limpeza de seus apartamentos jogam à rua, lá de cima mesmo, o lixo, não só emporcalhando a rua como atingindo, como já aconteceu os transeuntes. Sabemos que se trata de gente sem responsabilidade. Mas para estes é que deve haver medida de repressão. (*O Momento* 1950, Ano I, Num. 5).

A prática de higiene em Campina Grande na década de 1950 visava uma modernização dos hábitos da população, assim como a da própria cidade. Apesar dessa exacerbada preocupação das autoridades com o embelezamento dos lugares públicos e com o comportamento dos cidadãos, podemos destacar a “falsa” preocupação com a saúde da população carente, observadas através desses dois artigos de jornal.

“Isto Acontece em Campina Grande”.

As autoridades sanitárias devem voltar suas atenções, para um esgoto existente na esquina da Rua Venâncio Neiva, com a Cardoso Vieira, junto à calçada do Banco do Povo. Esse esgoto está enchendo toda essa rua de um cheiro fedido, prejudicando à saúde da população e parece que é em virtude de materiais pútridos que vêm de um edifício localizado à rua Marques do Herval (*O Momento*, 1950, Ano I, Num. 05).

“Epidemia de tifo na cidade”.

A SAMDU (...) tem atendido inúmeros casos de tifo nos bairros pobres da cidade, quase sempre mortais (...) Existem grande estoque de vacinas anti-tíficas, porém que não são aplicadas porque o povo não se interessa pela vacinação. Já que este desinterrêsse está constatado e que compete aos médicos da Saúde Pública zelar pelo estado sanitário da cidade, porque não levar as vacinas à população (*Evolução*, 1958, Ano I, Num. 27).

Na realidade, a elite estava mais preocupada em manter a cidade limpa. Essa higienização era acompanhada pelas intervenções nos meios de comunicação que “vigiavam” a população num processo forçado quanto à falta de higiene nas ruas e praças da cidade. Assim, a “falsa” preocupação com o “bem estar” da população estava atrelada aos interesses

das elites locais em “esconder” algo que pudesse “manchar” a imagem do município. É o que observamos neste primeiro artigo da imprensa, pois, antes de prejudicar a saúde da população o caso viria comprometer a reputação local.

Os jornais assim servindo como divulgadores da modernização e do que era ser moderno na época, ajudando a manter Campina Grande uma cidade “vaidosa e bonita”, limpa para quem a visitasse. A imagem de uma cidade nesses termos convivia com os problemas sociais e os discursos da imprensa, que queriam transformar o lugar num ambiente próspero e em completo “equilíbrio” social.

No mundo dominado pelas sensações, quer sejam discursivas ou visuais, nos deparamos com discursos diluídos no cotidiano do espaço urbano campinense, que despertam e chamam a atenção do leitor, sejam com imagens, propagandas ou notícias que remetem às tramas da vida cotidiana. Desta forma, a imprensa se constitui num instrumento de disseminação de informação histórica e cultural, destinado a difundir as representações do mundo social.

É através da cultura veiculada pela mídia, como o sistema de rádio, a reprodução de filmes, os jornais e revistas, que o indivíduo encontra suas bases para a informação no contexto da época. Assim, consideramos que nos anos 50, as informações que seduziam a vida sócio-cultural dos campinenses constituía a cultura da mídia e do consumo.

Todas essas inovações alteraram a vida da população campinense. Tais mudanças foram acompanhadas pelos códigos de comportamentos e regras de sociabilidade, incorporadas pela elite, modificando os espaços de viver da população, que acatava os novos hábitos sociais empreendidos pelo processo de modernização. Para tanto, cabia aos letrados e intelectuais a tarefa de divulgar, através de crônicas ou propagandas de jornais “as cores que o discurso moderno pretendia” (SOUZA, 2002, p. 116).

É em meio a este contexto que mulheres se lançam para um desafio até então invisibilizado: a escrita jornalística. No sentido de atrair leitoras, jornais vão abrir um acesso para a presença de mulheres na imprensa, discutindo temas relativos ao feminino, como a moda. Desta forma, a escrita feminina se fez presente na imprensa, através de crônicas, poemas e artigos, sendo reservadas às mulheres, a ação de narrar sobre moda e o colunismo social. No entanto, será que essas mulheres ficaram restritas ao pequeno espaço concebido por esses jornais?

Pensar as fronteiras que as delimitam e as excluem nessa sociedade, requer discutir a própria concepção de moda como um lugar social, uma vez que foi através dessa esfera que a escrita feminina se evidenciou, ainda que hierarquicamente inferiorizada ou não, pouca vezes

diminuída, face ao modelo de escritura de uma dada intelectualidade masculina. Percebemos que, se por um lado a imprensa tinha interesse em abrir espaço para as mulheres escreverem com o objetivo claro de atrair leitoras, por outro, essa escrita era vista como pueril, fugindo ao conceito formal do que é *ser* escritora. Lembremos que nem todas as mulheres que se lançavam nesse universo da escrita publicavam livros. E os seus textos editados pelos jornais não tratavam de temas relativos à política e à economia, assuntos que as deslocariam para o espaço público. A sociedade masculinizada julgava tais temas inadequados para mulheres.

Embora reservadas a esta restrição, isso não impedia que, em dados momentos, essas mulheres desdobrassem sua escrita aparentemente despreziosa enfocando temas mais “sérios”, tais como: *A mulher e o livro, A mulher na política e as profissões*⁴. Invadindo, assim, espaços pertencentes ao masculino.

Nesse sentido, abordamos a escrita feminina em periódicos que se constituem como uma janela de acesso à atividade da escrita, ampliando sua função no espaço público na cidade de Campina Grande. Logo, buscamos ressaltar a importância feminina no universo jornalístico em meio a um contexto social desfavorável.

O que as mulheres escreviam ou liam era do interesse de suas famílias, conseqüentemente submetidas ao aval de toda uma sociedade. Na década de 1950, as mulheres eram educadas para casar. Ainda que pudessem frequentar as escolas, sair às ruas, participar de eventos culturais, não deveriam fugir ao compromisso maior: o de educar os filhos dessa sociedade que agora se pretendia sadia, higienizada nos corpos e nas mentes. Por isso, suas atitudes continuavam a ser vigiadas e suas incursões pelos espaços públicos, delimitadas.

A suposta “invasão” dos espaços públicos pelas mulheres não passava ao largo de um olhar atento de uma sociedade preocupada em controlar comportamentos, em disciplinar gestos, em normatizar condutas. Especialmente as atitudes femininas pertencentes às classes mais abastadas deveriam ser vigiadas e cuja educação orientada para o lar.

Para tanto, ao evidenciarmos alguns periódicos do período estudado, que elegeram estereótipos femininos através de imagens e propagandas, convergimos o olhar para uma questão: selecionar os lugares e discursos na imprensa campinense sobre as propagandas de produtos domésticos e as imagens de mulheres desempenhando atividades do gênero, buscando a imprensa “atraí-las” para o espaço privado que foi durante muito tempo reservado para elas.

⁴ Jornal *O Momento* (1950-51).

Ainda que os textos e as imagens sobre o feminino apareçam com mais frequência, serão os textos escritos por mulheres que buscamos focalizar os espaços vivenciados pelo feminino em Campina Grande na década de 1950. Assim, no decorrer dos capítulos, traçamos uma cartografia sobre a presença de mulheres na imprensa campinense, legitimando o lugar do feminino no espaço público através da prática da escrita.

A escrita feminina, imagens e discursos de mulheres na imprensa, propagandas direcionadas ao público feminino, são respostas para questões acerca da presença feminina na sociedade da época, que puderam ser encontradas nas páginas de jornal campinense e revistas, meio por nós pesquisados, fontes importantes para o nosso estudo, juntamente com relatos orais, fontes iconográficas e correspondências.

A importância de se trabalhar com uma produção jornalística do período justifica-se pelo fato de que os jornais já citados tinham como propósito, enquanto meios de divulgação da vida cotidiana da população campinense, se diferenciarem dos outros jornais de Campina Grande, denominando-se como “independentes”. Não tinham bandeiras políticas e religiosas, pretendendo construir narrativas que visavam dar conta dos problemas da cidade. Produzindo uma crítica a outros jornais que circularam no período – a exemplo do *Jornal de Campina* (1950) –, os jornais em análise afirmaram nascer de uma necessidade de “servir a Campina Grande, acima das ideologias políticas que envolvem os homens” (*O Momento*, 17.10.1950, Ano I, Num 1, p. 02).

Os jornais nem sempre motivaram o interesse de historiadores nas pesquisas historiográficas, pois durante muito tempo foram considerados como registros fragmentários do presente, sob interesses e compromissos. Desta forma, o historiador precisa inquirir algumas informações importantes quando recorrem à imprensa, tais como afirma Tânia Luca (2005, p. 116): “publicação, tiragem, área de difusão, relações com instituições políticas, grupos econômicos e financeiros”, que norteiam a produção jornalística.

Não seria possível desenvolver nosso trabalho, que também inclui uma articulação com os discursos e imagens sobre mulheres inscritas na imprensa campinense, se nos limitássemos a uma única fonte: os jornais. Assim, dialogamos tanto com fontes escritas, como as iconográficas e biográficas, como vitalizamos os fragmentos de memórias históricas, através de relatos orais considerando entrevistas com familiares das escritoras e leitoras.

Os estudos de historiadores com as imagens não são recentes, mas durante muito tempo aqueles que as utilizavam tendiam a “tratá-las como meras ilustrações, reproduzindo-as nos

livros sem comentários”. O autor Peter Burke (2004, p. 225) lança algumas questões quanto à utilização de imagens na produção histórica, pois, para este autor, deve-se perceber,

o contexto geral, cultural e político, bem como as circunstâncias exatas nas quais a imagem foi encomendada e também seu contexto material, em outras palavras, o lugar físico onde se pretendia originalmente exibi-las.

A partir dos anos 1980, há uma produção de trabalhos publicados que contemplam essa especificidade. No caso do nosso estudo as imagens oferecem indícios “assim como textos e testemunhas orais [que] constituem-se em uma fonte importante de evidência histórica” (BURKE, 2004, p. 12-17). Esses artefatos culturais nos possibilitaram uma compreensão da realidade, a partir de uma configuração dos usos e discursos representados nas páginas de jornal. Segundo Alberto Manguel (2001), as imagens são também narrativas que dão-se a ver e a ler.

Partindo de uma análise dos acontecimentos da vida privada e pública das nossas mulheres escritoras, consideramos que a existência de cada uma é uma história, com “acontecimentos e significado”, como nos alerta Pierre Bourdieu (2000, p.184-185) sobre a produção de história de vida, na qual o senso comum “descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira, com suas encruzilhadas”. Relatos, no entanto, que nos possibilitaram pensar não somente suas práticas de escrita na década de 50, mas também seus limites e os lugares de trânsito de outras práticas femininas que, assim como elas, criaram caminhos, inventaram percursos no árido ambiente sócio-político daquela época.

Nesse sentido, a oralidade nos possibilitou compreender, de modo aguçado, a dimensão das histórias de vida das escritoras por nós estudadas. Os relatos orais preencheram lacunas importantes, nas quais encontramos lembranças sobre as mulheres escritoras, a partir de entrevistas com familiares e leitoras. Das entrevistas até agora realizadas com D. “Zefa” e D. Socorro Brasileiro, questionamos sobre a trajetória de vida das escritoras Terezinha Brasileiro Souza e Sevy Nunes, bem como sobre as práticas de leituras femininas, os lugares nas quais estas escritoras escreveram e a apropriação da escrita feminina diante do público leitor.

A História Cultural permitiu que fontes e procedimentos de pesquisa, até então pouco visitadas ou revisitadas por historiadores, passassem a ganhar visibilidade nas pesquisas históricas (FREITAS, 2006). Foi buscando uma reformulação das indagações acerca dos conceitos de mentalidade, suscitadas pela Terceira Geração dos Annales, que destacamos a

importância do referencial teórico trabalhado pelo historiador francês Roger Chartier (1990), com relação às tensões entre práticas e representações sócio-culturais de uma dada época.

Desta forma, torna-se importante compreender as representações do mundo social como elaborações de grupo que as forjam de acordo com seus interesses, caracterizando uma tensão entre seus quadros constituídos, observando-se, assim, a intencionalidade que permeia suas práticas discursivas, visando à delimitação ao outro do seu campo sócio-cultural.

Assim, encontramos na proposta teórica do historiador francês Roger Chartier (1990) um equilíbrio entre as tensões que este autor aponta e a filosofia do sujeito, bem como o estruturalismo. Na medida em que cartografamos as escritas femininas na imprensa campinense, acreditamos ser importante, como forma de evidenciar as representações dessas práticas, visibilizar a apropriação que as escritoras por nós estudadas faziam dos espaços que lhes eram reservados, construídos pelas redes de sociabilidade campinense na década de 1950.

Para além do panoptismo imposto pelo universo intelectual masculinizado, interessa-nos detectar e analisar a apropriação do lugar da escrita, observando os usos atribuídos pelas escritoras. Para tanto, torna-se útil destacar uma diferença hierarquizante em relação às escritas de mulheres. Isto nos leva a alguns conceitos teóricos elaborados pelo historiador francês Michel de Certeau (2007).

Focalizamos, assim, as *táticas* e *astúcias* desenvolvidas pelas escritoras ao utilizarem os espaços institucionais previamente moldados. Notadamente no que concerne aos determinismos de uma produção escriturística ocidental, da qual erigem-se outros gêneros de escrita masculina que se impõem como hegemônico. Os textos femininos inscrevem-se nesse campo de forças como traços destoantes, como linhas de fugas, através das quais as mulheres podem constituir suas subjetividades. Pois, segundo Certeau (2002):

A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde *outra* produção, qualificada de “consumo”: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante (CERTEAU, 2002, p.39) (grifos do autor).

Da apropriação das leituras tecidas pelas leitoras e dos espaços evidenciados pela escrita feminina, emergiu a necessidade de se compreender o uso desses lugares como uma poética, atentando para os desvios de intenções refigurados por esses atores históricos nas maneiras de utilizarem as escritas.

Apropriamo-nos, também das contribuições de Roger Chartier acerca das práticas de leituras que nos possibilitaram, ao longo desse trabalho, a mediação necessária entre o estruturalismo e a filosofia do sujeito, evidenciando aqui “formas de escrita e as formalidades das crenças” (CHARTIER, 1990). Entre os discursos vinculados pelo jornal e a recepção feminina há uma ruptura das leituras que se quer fazer e os desvios sempre bricoladores pelos atores da pesquisa.

Feitas tais considerações, apresentamos o trabalho estruturado em três capítulos.

No primeiro, intitulado “Sobre Histórias de mulheres: escrituras e moda”, expomos algumas discussões teórico-metodológicas acerca da história das mulheres e da categoria gênero, momento em que perpassamos por obras sobre a imagem feminina e a escrita sobre mulheres e de mulheres, através de discursos que convergem a visibilidade e os modos de dizer feminino, sobretudo na imprensa.

No segundo capítulo, intitulado “Femininas, elegantes e maternais: imagens e discurso do Feminino e os jogos discursivos na imprensa”, apresentamos os discursos e imagens proferidos na imprensa campinense na década de 1950, que nos ajudaram a construir um conjunto diversificado impressões sobre o feminino e a apropriação de mulheres no espaço público. Fomos buscar indícios principalmente nos discursos de letrados e intelectuais que produziram textos para jornais entre os anos de 1930-1950. Embora a fonte utilizada tenha sido basicamente os jornais, sempre que possível fizemos contraponto com outros textos, reforçando os nossos argumentos.

No terceiro capítulo, “As Escritas femininas”, cartografamos a imprensa campinense, com o propósito de pensarmos os desdobramentos das práticas femininas, analisando os espaços destinados à mulher escritora no esfera pública, ao passo que atentamos para as principais questões e temas abordados nas suas escritas com relação ao feminino.

CAPÍTULO 1

Sobre histórias de mulheres: escrituras e moda

A história das mulheres mudou.
Em seus objetos, em seus pontos
de vista. Partiu de uma história do corpo
e dos papéis desempenhados na vida
privada para chegar a uma história
das mulheres no espaço público
da cidade, do trabalho, da política,
da guerra, da criação.
(PERROT, 2008, p.5).

Como mostra a citação de Michelle Perrot, utilizada como epígrafe, as mulheres conseguiram passar do oculto que lhes foi permitido à visibilidade que lhes foi negada. Com a ampliação de temática e a emergência de novas abordagens históricas as escritas, as vozes e as imagens de mulheres podem ser localizadas nos múltiplos espaços de escritura: bibliotecas, jornais, literaturas, arquivos públicos ou privados.

O objetivo deste capítulo é, pois, fazer uma breve discussão bibliográfica acerca das relações de gênero, enfatizando obras que tratam da imagem feminina e da escrita sobre mulheres, sobretudo, aquelas que se aproximam do nosso objeto de estudo. Isto é, a escrita feminina na imprensa campinense na década de 1950, apontando aqui para a historiografia que converge para a visibilidade feminina e cria imagens e discursos produzidos sobre a mulher na conjuntura citada. Assim, cartografar os lugares fixos elaborados sobre e para a mulher nos espaços públicos campinenses torna-se a nossa meta.

A crise de paradigmas ocorrida entre os anos 1960-1970 faz emergir novos temas e novas abordagens sobre determinados grupos, até então silenciados por uma hegemonia masculina, racista, elitista, como as mulheres, negros e operários⁵. Também foi a época do movimento

⁵ Michelle Perrot (1992).

feminista, o movimento da contra cultura, dentre outros, que suscitaram pesquisas e abriram espaços nas academias, possibilitando novos trabalhos historiográficos.

Tais mudanças são enfatizadas Mary Del Priore, no artigo “*História das mulheres: as vozes do silêncio*” (1998), em sua relevante discussão sobre como as mulheres eram pensadas a partir da historiografia na Europa e nos Estados Unidos. Um enfoque que gira em torno do interesse da História pelo estudo da história das mulheres. Um estudo que implicou transformações e rupturas em torno dessa nova abordagem. “Fora preciso tirar as mulheres do silêncio e do esquecimento” (DEL PRIORE, 1998, P. 224)

Segundo esta autora, na década de 1970, as mulheres haviam se tornado foco de problematizações e alguns produções já apontavam para a necessidade de temáticas relativas a sua história. Contudo, o movimento feminista, de modo expressivo, possibilitou o surgimento de pesquisas sobre esta temática, o que despertou o interesse dos pesquisadores pela temática. Afirma a autora que as feministas fizeram a história das mulheres antes mesmo dos historiadores.

Assim, um dos principais objetivos do movimento feminista consistia em apreender o passado legítimo das mulheres, introduzindo-as na história. Mas, também, mudar a visão de toda a sociedade com relação ao papel social e cultural da mulher. Objetivos, aparentemente, revolucionários, e que não obtiveram grandes êxitos.

O trabalho pioneiro sobre a história da mulher, organizado em cinco volumes pelos historiadores franceses, Michelle Perrot (2008) e Georges Duby, chega ao Brasil entre 1993 e 1995, com o título de *História das mulheres no Ocidente* e tem uma grande repercussão, fazendo proliferar várias pesquisas sobre o tema. Perrot já havia alcançado notabilidade no Brasil em 1988, com o seu livro *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tais publicações são respostas às inquietações da autora sobre a ausência das mulheres no campo da história.

Joan Scott (1992) amplia essa discussão ao propor o gênero como uma “categoria de análise”, pensando as diferenças de sexo no âmbito das relações sociais e de poder. Esses trabalhos, aliados ao movimento feminista, atuante desde a década de 1970, ressoam nas pesquisas sobre os mais variados temas, que começam por dar visibilidade às chamadas “silenciadas”, às “esquecidas” pela história e seguem com outros temas que chegam a questionar a própria essência do conceito de “Mulher”. A influência do pensamento de Michel Foucault no âmbito desses estudos, contribuindo para a criação da categoria de gênero na década de 90, operou uma “desnaturalização” e “desessencialização” no sentido de rachar e

questionar as polarizações existentes: entre o masculino e o feminino; vítimas e rebelde e, ainda, repensar as questões biologizantes acerca dos conceitos de mulher, de raça e outros⁶.

Com o avanço das referidas pesquisas, os intelectuais passam a ser instigados sobre a legitimidade desse novo campo de abordagem histórica. Assim, para Del Priori (1998, p. 217), como tratar em termos históricos um tema que foi pouco estudado pela historiografia? “Como dá destaque a diferença de sexo e às mulheres, quando essas eram tradicionalmente vistas como espectadoras do teatro no qual se defrontavam seus mestres e senhores, os homens?” É esse o principal objetivo desta autora, cujos passos seguiremos, ao focar o debate na historiografia brasileira sobre as mulheres desde a década de 1970 até os dias de hoje.

Para tanto, a autora referida, discute como a mulher foi pensada entre os filósofos, enfatizando como, onde e porque elas foram tomadas como tema de abordagem desde a antiguidade. Desta maneira, produz uma arqueologia para mostrar os pensadores, filósofos e antropólogos que tratam das mulheres. Não nos cabe, neste trabalho, fazer tais referências a respeito de filósofos que pensaram a mulher, uma vez que o nosso objetivo é apontar algumas questões indicadas pela autora que nos parecem fundamentais para o propósito do nosso estudo.

Desta forma, interessa-nos perceber que, nos anos 1970, segundo Del Priori, os resultados das pesquisas apontam que a história das mulheres continuava sendo um trabalho de mulheres, tolerado e por vezes marginalizado, sem interferência sobre a disciplina histórica. Disto, surgem questionamentos em torno dessas abordagens.

Nessa perspectiva, outros temas e fontes emergiram: “o medo, o pecado, as relações entre vida privada e vida pública” e a “sexualidade, a criminalidade, a morte, a alimentação, os desvios”. Neste percurso um novo campo de pesquisa se inaugurava: “a história das representações culturais sociais”. Disto, nasceu um novo perfil na historiografia: “a cultura feminina” (DEL PRIORE, 1998, p. 221).

Como é comum nas novas abordagens surgem novas dificuldades na pesquisa do campo. O problema levantado pela autora sobre a história das mulheres está no fato da

⁶ Ver os seguintes autores: BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; CORRÊA, Mariza. **Repensado a Família Patriarcal Brasileira** (notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil). In. Mariza Corrêa (org), **Colcha de retalhos: Estudo sobre a família no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982; LOBO, E. S. **A Classe operária tem dois sexos**. São Paulo: Brasiliense, 1991; HOLANDA, Heloísa Buarque. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994; LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.; RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e código da sexualidade feminina em São Paulo (1890 - 1930)**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

reflexão sobre a especificidade do objeto e a aplicação de categorias de pensamento que não eram egressas da história das mulheres, mas da história tradicional. Outra dificuldade estaria no “silêncio das fontes”, que são escassas ou falam por vozes masculinas. Desta forma, a história das mulheres é criada quase sempre a partir da relação e visão do (e com o) outro (DEL PRIORE, 1998, p. 220-221).

No caso do Brasil, principalmente em 1978, Del Priore parte do seguinte problema: “em que medida estas circunvoluções da história da mulher, feitas na Europa e Estados Unidos, atingiram a produção da mesma história no Brasil? Tratar-se-ia dos mesmos silêncios? Que tipo de reflexão se fazia, deste lado do mundo?” (1998, p. 225-226).

Para tanto, a autora afirma que, apesar das preocupações de se escrever sobre a história da mulher, as teses que começaram a ser defendidas no Brasil, sobre a questão feminina, incidiram mais sobre a história da família e/ou do casamento, do que sobre a mulher. Deste modo, a problemática passou por uma revolução documental, com a descoberta de pesquisas em arquivos.

Como afirmamos anteriormente, as obras de Michel Foucault incentivaram o desenvolvimento da história das mulheres. De acordo com Del Priore, surge o que se convencionou chamar de “historiografia da transgressão”.

Vários historiadores, debruçados sobre as fontes egressas das instituições de poder – a Igreja ou o Estado – varriam os escaninhos da vida social no Brasil colonial e imperial, e também republicano, em busca de práticas que se desviavam da norma no campo dos amores e do imaginário. Surgiram, assim, em artigos, teses e livros, as histórias das concubinas, das prostitutas, das escravas rebeldes, das freiras, das lésbicas, das defloradas, das ‘mal faladas’, das pecadoras, das ‘doidas’, das pobres, das escritoras feministas (DEL PRIORI, 1998, p. 227).

Percebe-se que a história das mulheres tornou-se um terreno fértil, em se tratando da escrita do gênero feminino, cujos vestígios podemos encontrar em documentos de toda a espécie: romances, biografia, jornais e revistas, que nos permitem explorar vários aspectos da vida social-cultural das mulheres.

As revistas femininas serviram para pensar as histórias das “pequeno-burguesas” e das “leitoras urbanas”. Nos magazines, desfilam modelos de “rainhas do lar”, “mamãe ideal”, “abelhinha trabalhadora”, imagens que vão criar estereótipos femininos. Nas “cartas das leitoras”, formou-se outro dispositivo, em que se descobriu “um frágil equilíbrio entre as aspirações e as realidades das mulheres” (DEL PRIORE, 1998, p. 228-229).

Outra abordagem utilizada pela historiografia brasileira baseou-se nos relatos orais, que segundo Del Priore (1998, p. 229), possibilitavam a recuperação da memória feminina. Os relatos “deram voz” aos discursos pessoais de mulheres, numa forma de resgatar a identidade e a vida de muitas que viveram tempos incontáveis no anonimato: ‘donas de casa’, ‘solteironas’, ‘trabalhadoras’. Contar a história dessas mulheres significa reconstruir as identidades femininas.

Deste modo semelhante, indica Maria Izilda Matos que, no Brasil, os estudos sobre a mulher vêm crescendo, desde o pós-guerra, mediante a conquista de novos espaços, que as levam a ter maior visibilidade social. Segundo a autora, tal abordagem impõe-se,

Mesmo sob o contexto desfavorável dos governos militares, os temas referentes à mulher reapareceram: violência sexual, contracepção, aborto. Juntamente com as reivindicações concernentes ao trabalho (a dupla jornada de trabalho) e a cidadania das mulheres (MATOS, 2009, p. 278).

O tema “mulher” passou a atrair, sobretudo, aqueles historiadores (as) que desejavam ampliar os limites nos documentos e abrir novas pesquisas, explorando as experiências históricas daquelas cujas identidades foram frequentemente ignoradas ou mencionadas de passagem.

É mediante essas questões que buscamos produzir uma escrita acerca de mulheres que deixaram suas marcas, embora pequenas, na escrita jornalística campinense na década de 1950, período em que os espaços foram construídos a partir de discursos de relações de poder e saber, que modelam as imagens femininas, determinando comportamentos a serem seguidos e impondo o que deveria “ser a mulher” (FOUCAULT, 1987).

Sobre a presença feminina na imprensa e o uso do jornal como uma forma de liberdade de movimento e expressão e maior participação feminina na esfera pública, Norma Telles já aponta para o final do século XIX e início do século XX, em seu artigo “*Escritas, Escritoras e Escrituras*” (2008), que apesar do jornalismo ser um ofício voltado para o universo masculino, as mulheres nesta época escreveram para periódicos, deixando, então, suas marcas através da escrita.

Por caminhos por vezes sinuosos, a escrita feminina ainda era tímida e desafiante para a maioria daquelas que passassem a discutir, na imprensa, não somente a ampliação de temas e objetos relativos ao universo feminino, mas, segundo a autora, questões relativas à emancipação feminina.

É a partir da leitura de romances, novo gênero literário que se popularizou no final da década de XIX, com a circulação dos folhetins, que a mulher do oitocentos começa a escrever e a publicar, na imprensa ou através dos folhetins que liam, reivindicando educação para as outras mulheres e igualdade social. Limitadas ao acesso do saber e circunscritas aos domínios domésticos, essas mulheres reivindicavam maior participação feminina nos espaços públicos. Mas, para tanto, precisariam, primeiro, que “(...) se livrar da tirania do alfabeto, tendo primeiro que aprendê-lo para depois deslindar os mecanismos de dominação neles contidos” (TELLES, 2008, p. 410).

Ainda segundo a autora, foi através das leituras de romances que as mulheres puderam despertar a curiosidade por temas como, por exemplo, cultura e política, o que pode ter suscitado entre elas uma consciência crítica e, conseqüentemente o desejo de mudar a sua condição na sociedade. Um novo pensar e uma escrita tímida que apareciam, muitas vezes, sob a forma de temas considerados banais, anunciam as inquietações dessas mulheres face o universo em que se encontravam inseridas.

No tocante à produção histórica nacional, podemos destacar as que privilegiam a visibilidade e dizibilidade feminina, narrando sobre a exclusão a que estavam submetidas, entre outros fatores, por um discurso universal masculino. Destacamos os estudos sobre o papel feminino na família como o casamento e a maternidade; a representação da mulher professora e a educação feminina nas primeiras décadas do século XX; as relações vinculadas à moda e a sociabilidade feminina no espaço público e a escrita feminina na imprensa como uma forma de liberdade de movimento e expressão e maior participação feminina na esfera pública⁷.

Essas questões nos levaram a buscar a análise de D’Incao, intitulada “*Mulher e família Burguesa*” (2008), para percebemos os novos papéis (re) definidos para homens e mulheres pelo Estado, com o surgimento de novas atividades femininas no espaço público, nas primeiras décadas do século XX no Brasil, a exemplo do magistério.

Para esta autora, a mulher terá maior liberdade de participar dos espaços públicos, seja para trabalhar, estudar ou apenas frequentar atividades de lazer. Ao adentrar nestes ambientes a mulher será menos vigiada pelos pais, maridos ou irmãos, mas, agora será o Estado que passará a controlar a saída da mulher da esfera doméstica para a rua.

⁷ Os trabalhos de: Mary Del Priori (1998 e 2008); Maria D’Incao (2008); Guacira Lopes Louro (2008); Margareth Rago (1991); Martha de Abreu Esteves (1989); Maria Cláudia Bonadio (2000); Norma Telles (2008).

Como contraponto ao surgimento de atividades femininas fora do âmbito doméstico também emerge, por sua vez, a valorização das relações familiares como o matrimônio e a maternidade, numa forma de tentar atrair o retorno das mulheres ao interior do espaço doméstico. Segundo D’Incao, essa valorização será sustentada pelos discursos dos meios médicos, educativos e da imprensa, com suas propostas que “visavam educar a mulher para [desempenhar] o seu papel de guardião do lar e da família (...)” (D’INCAO, 2008).

É importante destacar algumas referências sobre o trabalho de Guacira Lopes Louro, intitulado “*Mulheres na sala de aula*” (2008), em que ressaltamos a representação sobre a mulher professora na segunda metade do século XIX, e nas primeiras décadas do século XX no Brasil.

A autora afirma que nas últimas décadas do século XIX, e nas primeiras do século XX, existem uma educação voltada para as mulheres, “vinculada à modernização da sociedade, à higienização da família, à construção da cidadania das jovens”. Todavia, essa educação visava as necessidades sociais de “educadora dos filhos, e na linguagem republicana, das funções de formadoras dos futuros cidadãos” (LOURO, 2008, p.47).

Assim, as mulheres professoras eram representadas como possuidoras de uma natureza própria para cuidar de crianças, já que eram as primeiras educadoras de seus filhos. Segundo a autora, o destino da mulher “era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, ‘a extensão da maternidade’, [pois] cada aluno ou aluna eram vistos como um filho/a” (LOURO, 2008, p. 450).

Por isso, a profissão do magistério será associada à mulher professora, possuindo características “tipicamente feminina [como]: paciência, minuciosidade, afetivação, doação”. Assim, essas representações serão significativas para a construção da professora, “elas fabricaram a professora, elas deram significados e sentidos ao que era e ao que é ser professora” (LOURO, 2008, p. 250).

A autora elenca algumas questões que são pertinentes a este trabalho, como a representação da imagem da professora e seu papel na sociedade brasileira. Para tanto, podemos perceber que o magistério se constitui como mais uma janela de acesso da mulher, que a conduz a desempenhar uma função no espaço público. Tais pressupostos nos ajudam a entender por que algumas mulheres não se restringiram ao âmbito das letras, visto que muitas professoras escreveram na imprensa de sua época.

Neste sentido, analisaremos a partir da historiografia que se ancora no gênero feminino, quais as imagens existentes sobre a mulher ou sobre as relações de gênero, construídas

historicamente, que discutem sobre as escritas femininas a partir de uma janela de acesso: o tema da moda.

1.1 Apontamentos para os estudos de gênero na Paraíba: a mulher, a imprensa e a moda

Será através da moda que as mulheres começarão a escrever em jornais com colunas específicas⁸. Muito embora essa atitude não seja uma singularidade das campinenses, uma vez que o jornal se torna uma forma de expressão e de formação da opinião pública a partir do século XIX. “Ela [a imprensa] é um mundo masculino de que as mulheres vão lentamente se apropriando”. Desta forma, as mulheres vão ganhando influência na cultura escrita “primeiro pela correspondência, depois pela literatura e, por fim, pela imprensa”. É uma pequena “brecha”, um começo nas zonas desconhecidas da escrita. Assim, o jornal torna-se um meio de expressão das mulheres na França e, ao mesmo tempo, elas ganham acesso a uma profissão que foi por muito tempo exclusivamente masculina: o jornalismo (PERROT, 2008, p.68-69).

No caso do Brasil, o trabalho de Maria Cláudia Bonadio, intitulado “*Moda: costurando a mulher e espaço público – estudo sobre a sociabilidade feminina na cidade de São Paulo 1913-1929*” (2000) mostra como a moda, o consumo e a sociabilidade feminina influenciaram a relação das mulheres no espaço público nas primeiras décadas do século XX, através da divulgação de imagens femininas na imprensa e de toda uma publicidade voltada para esse público.

A moda propicia nas primeiras décadas do século XX no Brasil, uma maior “exposição do corpo feminino”, não somente pelas novidades que as roupas trazem para as mulheres, mas, segundo a autora a moda

Associa [se] a várias outras novidades, como emergentes padrões publicitários, formas inovadoras de comércio e o status feminino de ‘consumidora/ provedora’, elementos que associados ampliam a desenvoltura e a movimentação no espaço público (BONADIO, 2000, p. 10).

⁸ Segundo Michelle Perrot a participação feminina na escrita jornalística na segunda metade do século XIX na França ocorreu através de uma janela que lhe foi aberta, sobre o tema da moda. Para Perrot, “a primeira imprensa feminina especializada é a da moda, que se inicia no século XVIII”. Esta imprensa teve um grande desenvolvimento no século XIX junto ao público feminino, que buscava conselhos de moda, receitas de cozinha e narrativas de viagens. Assim, as mulheres vão se utilizar dessa imprensa como uma forma de se apoderar do saber e do trabalho. Para a autora, essas mulheres que se “infiltraram” na imprensa da moda, tinham consciência do papel da imprensa junto ao público leitor (PERROT, 2008, p. 33).

É a partir da moda que a sociabilidade feminina se amplia. As mulheres passam a ser vistas. Para a autora, é também através da publicidade que as mulheres vão participar mais ativamente da vida pública. “A moda colabora em muito na reconfiguração da relação das mulheres no espaço público” (BONADIO, 2000, p.16).

Resgatando imagens femininas produzidas pela imprensa, a autora afirma que ao mesmo tempo em que essas imagens na imprensa “vendem uma imagem feminina glamourosa e avant-garde, tem por público alvo mulheres que ainda desempenham os tradicionais papéis de mãe, esposa e dona-de-casa” (BONADIO, 2000, p. 20).

A temática em questão aparece no período como um convite para as mulheres saírem de casa, “seja pela leveza e conforto dos novos trajés (...) seja pelos anúncios e espaços de passeio e lazer a elas relacionados”. Para a autora, a “moda costura mulher o espaço público” (BONADIO, 2000, p. 26).

Na Paraíba, segundo a análise da autora Maria do Socorro Cipriano, *A adúltera no território da infidelidade: Paraíba nas décadas de 20 e 30 do século XX* (2002), a moda era muitas vezes vista como algo “nefasto à moral social”, à medida que provocava desconfiças por parte dos mais conservadores, fazendo com que principalmente alguns homens expressassem suas críticas na imprensa, manifestando-se contra as novas maneiras de vestir, de dançar, de amar, de falar, ou seja, de aparecer em público, o que, por sua vez, fazia das mulheres alvos fáceis, uma vez que, suas investidas nesse mundo da moda as localizavam num espaço fronteiroço entre o moderno e a “futilidade” e a “frivolidade”⁹.

Desta forma, a “escrita” feminina ao ser associada à moda, aos olhos de uma sociedade masculinizada, torna-se lugar do feminino igualmente fugidio, frágil, banal, ou seja, “falseado”. Falseado porque destituído de legitimidade, de autoridade intelectual. A mulher escritora não ocupava o lugar previamente moldado pela intelectualidade campinense, limitando-se a espaços dedicados a esse tema que, - nas colinas de alguns jornais - não poderia ser reservado aos homens. Afinal, um espaço jornalístico considerado tão “frívolo” só poderia mesmo ser ocupado por mulheres. Estas saberão aproveitar essa “janela aberta” para se lançar no universo da escrita jornalística.

⁹ Embora Socorro Cipriano esteja se referindo às décadas de 1920-30 na Paraíba, acreditamos que preocupações similares foram vivenciadas pelas elites campinenses de Campina Grande nos anos 50, ainda que houvesse outros discursos em torno da representação da moda feminina. Na década de 20 eram as “melindrosas” que ocupavam as páginas de jornal, que expressavam as críticas aos modelos femininos cada vez mais ousados. Nos anos 50 eram a vez dos “brotos” a ocuparem as notícias, principalmente as colunas sociais, que “iluminavam” os belos e elegantes da elite campinense.

Esse tema, misturado aos anúncios de jornais de Campina Grande, significava divulgar imagens de mulheres consideradas belas. O fato promovia um incentivo para que as campinenses consumissem os produtos divulgados pela imprensa, exibidos por mulheres que possuíam um padrão de beleza a ser copiado. Nos lugares públicos essas mulheres vão possuir todo um poder estético, definindo os critérios da moda e da elegância ditadas pela sociedade da época.

Assim, produzindo ou inventando maneiras de “estar na rua”, transpondo as barreiras do silêncio do lar, essas mulheres criam formas de visibilidade. Com suas artes de vestir-se “driblam” os valores morais que lhes foram concedidas como heranças durante tanto tempo. Nesse contexto, a moda as ajuda a participar da vida pública na cidade, não somente frequentando os eventos sociais, mas acenando como uma possibilidade de trabalho fora do lar.

A análise de Silêde Leila Cavalcante, intitulada “*Mulheres modernas, mulheres tuteladas: o discurso jurídico e a moralização dos costumes – Campina Grande 1930/1950*”, discorre sobre as atividades domésticas da mulher campinense na década citada. Para esta autora, as mulheres eram preparadas para serem “educadoras dos filhos e maridos e administradoras científicas ou gerente do lar, prezando por uma imagem de decência e honestidade moral” (2000, p.26). E ao Estado, cabia o controle sobre as concepções dos cuidados higiênicos¹⁰ e condutas morais, dos papéis que mulheres e homens deveriam desempenhar na sociedade.

Para Cavalcanti, as participações da mulher nos lugares públicos fizeram surgir discursos na imprensa campinense, nas décadas de 1930-1950, que divulgaram um modelo de mulher ideal, pois, era preciso possuírem determinados comportamentos e atitudes para poder estar na rua. A autora se apropria das palavras de Sevcenko, para discutir os novos espaços para a mulher na esfera pública no Brasil, onde o corpo feminino deveria ser “moralizado no privado (família) e no público (trabalho, lazer)”. Assim, aquelas que participaram dos eventos públicos precisavam possuir certas “habilidades”, pois “era recomendável”,

que a senhora soubesse conservar um ar modesto e uma atitude séria, que a todos impusesse o devido respeito e sair à rua só se fosse com homens

¹⁰ Segundo Gilmária Severino (2006, p. 50), nas primeiras décadas do século XX surgia, no Brasil, discursos sanitaristas, que tentaram (re) definir os comportamentos e costumes higiênicos da sociedade, inclusive nas cidades brasileiras que se modernizavam urbanística e socialmente. Segundo esta autora, trazendo a questão para Campina Grande, nas décadas de 1940 a 1960, onde a modernização se fez mais presente nos discursos higiênicos e da imprensa: “o conceito de higiene, neste sentido, é ampliado, significando não somente higienizar os corpos, mas toda uma política voltada para as características psíquicas e sexuais do indivíduo”.

parentes (irmãos, pais, marido, etc.) para evitar as maledicências que iriam comprometer a sua honra e a de seu marido (SEVECENKO apud CAVALCANTE, 2000, p. 25-26)

Assim, foram criadas imagens para a mulher que participasse, de alguma forma, da vida pública. E, para aquelas que possuíssem um comportamento como “cheias de liberdade, de saia curta e colante, de braços e aos beijos com os homens, com os decotes a baixarem de nível e as saias a subirem de audácia, exposta a análise dos sentidos masculinos...” enfim, que diferissem das normas estabelecidas, eram representadas como aquelas que possuíam um “comportamento suspeito”. (SEVCENKO apud CAVALCANTE, 2000, p. 26).

Disto, foi criado, em oposição a estas posturas, um “modelo de mulher ideal”, que deveria ser educada para desempenhar atividades no âmbito doméstico. Segundo a autora, aquelas mulheres que participavam dos espaços públicos também eram consideradas “ousadas”, pois estavam abandonando “seus lares, descumprindo o seu papel de donas de casa e mães atentas” (CAVALCANTI, 2000, p. 25).

Mais, se por um lado, a moda aparecia como uma porta de entrada para a prática da escrita, por outro, não era apenas por meio dessa temática que as mulheres tiveram acesso a escrita. Muitas professoras do início do século XX, na Paraíba, escreveram e se inscreveram na vida pública e literária, principalmente na imprensa, como um espaço de expressão possível. Elas escreveram, sobretudo nos jornais *A União*, *O Educador* e a *Revista Era Nova*, na década de 1920 na Paraíba, e em Campina Grande, nas duas versões do Almanaque (1933-34) e nos jornais por nós estudados, que circularam entre as décadas de 1930-1950.

Apesar de não estar registrada a participação dessas mulheres escritoras no contexto da cultura escrita nas primeiras décadas do século XX na Paraíba, elas aí se fizeram presentes, principalmente em jornais, publicando poesias, crônicas ou colunas sociais. Para a autora Ana Maria Coutinho Sales, no seu artigo *Literatura e Memória: resgate das escritoras paraibanas no início do século XX* (2005), não será por acaso que “as primeiras escritoras paraibanas são também as primeiras professoras, contribuindo significativamente para a História da Educação na Paraíba”. Pois foram essas profissionais que tiveram maior participação na vida social e política do estado.

A este propósito, de acordo com a pesquisa de Favianni da Silva, intitulada “*A Eva do século XX, Analice Caldas e outras Educadoras 1891-1945*” (2007), é possível analisar a vida da professora e escritora Analice Caldas, através de sua biografia, para perceber as práticas educacionais e políticas das mulheres da sua época. Contudo, pretendemos destacar

apenas alguns aspectos de seu trabalho, especialmente no que se refere ao item “O escrito da vida do outro”, visto que se aproxima do nosso objeto de estudo, que seria o de, também, analisar a trajetória de vida da professora/escritora Sevy Nunes e da escritora Terezinha Brasileiro, para percebemos os lugares da escrita feminina.

Desta forma, através do estudo biográfico, a trajetória de vida de Sevy Nunes e Terezinha Brasileiro Souza nos interessa, sobretudo para que percebemos suas contribuições acerca do papel da mulher na vida pública na sociedade campinense na década de 1950, enfocando aspectos de suas vidas como escritoras no universo jornalístico.

É possível observar que, semelhante ao trabalho de Favianni da Silva, citado anteriormente, sobre a vida da escritora Analice Caldas, em que sua história de vida converge para o aparelho discursivo, a trajetória de Sevy Nunes foi escrita a partir de discursos em torno de sua imagem. Seu nome aparece sempre como um “importante nome do colunismo social campinense”, ou pelo “importante trabalho nos salões sociais”, ou ainda “um nome de grande destaque do jornalismo campinense”. Realizações pessoais e públicas que marcaram essa colunista na imprensa local na década de 1950.

A autora explicita as dificuldades de se escrever sobre a história de uma mulher, Analice Caldas, como uma pessoa “cultu e dedicada às letras e a literatura”, mas que “cujas realizações estão pouco inseridas na memória de sua terra” (SILVA, 2007, p.18). Assim, esta autora destaca a contribuição da personagem analisada por ela na transformação histórica da sociedade paraibana, nas primeiras décadas do século XX.

Outro estudo que merece destaque neste capítulo é o de Alômia Abrantes Silva, que aborda as escritas femininas na imprensa paraibana, através da dissertação intitulada “*As escritas femininas e os femininos escritos: imagens de mulheres na imprensa paraibana nos anos 1920*” (2000).

A autora afirma que a presença feminina na imprensa paraibana emergiu nas primeiras décadas do século XX. Mas, a apropriação do espaço da escrita pelas mulheres, ao mesmo tempo em que as tornavam visíveis, as regulavam e oprimiam suas individualidades, pois, para a autora, a escrita que foi liberada para as mulheres seria, “segundo Virgínia Woolf, aquela que não revela um desejo próprio, o que pode significar, em outras palavras, aquele que deseja o desejo do masculino” (SILVA, 2010, p. 94).

O trabalho de Alômia Abrantes Silva se constitui numa análise da imagens femininas “através das praticas discursivas da imprensa paraibana, mais especificamente da Capital – João Pessoa”. Assim, a autora partiu da escrita de mulheres, que assumem um lugar nas páginas impressas, “permitindo que o feminino venha ocupar lugares mais amplos,

singularizando, ainda que fugidamente, as expressões daquelas que experimentam então perder o anonimato” (SILVA, 2000).

De acordo com o estudo supracitado, as primeiras mulheres na Paraíba que ousaram participar dos lugares de uma escrita foram marcadas por “resistências, desejos e conflitos”. Assim, escritoras desejosas de trilhar e ocupar os espaços públicos investiram nesse novo meio de discurso colocado pela modernidade. Autoras como Eudésia Vieira e Analice Caldas, que deixaram suas marcas na imprensa paraibana, através de crônicas, principalmente na Revista *Era Nova* na década de 1920, serviram de inspiração para a nova empreitada feminina.

Dentre as contribuições da dissertação de Alômia Silva, podemos destacar a participação feminina na escrita jornalística, visto que a autora apresenta a legitimação da escrita feminina como uma forma de auto afirmação para as intelectuais e mulheres, tecendo seus discursos numa sociedade que enunciava as mudanças advindas com a modernidade. Análise que explicita como o gênero feminino se insere na imprensa paraibana, desnaturalizando a concepção de um sujeito homogeneizador de feminilidade, a partir da singularidade da presença feminina na vida pública (2000).

Embora existam trabalhos, no campo da produção histórica, como os citados de Alômia Abrantes Silva (2000) e Ana Maria Coutinho de Sales (2005), que abordam o tema da escrita feminina na Paraíba nas primeiras décadas do século XX – principalmente, Eudésia Vieira e Analice Caldas -, não há registros de pesquisas que contemplem mulheres que escreveram e inscreveram-se como escritoras em Campina Grande no período de 1950. Por que essa ausência? Não temos escritoras em Campina Grande ou porque as que temos não fazem parte do conceito formal do que é *ser* escritora?

Assim buscamos mostrar como algumas mulheres acionam outros lugares no que se refere a sua escrita na imprensa, dirigindo o olhar para outra questão: selecionar os lugares e discursos na imprensa campinense sobre as propagandas de produtos domésticos e as imagens de mulheres desempenhando atividades de tal gênero, enfatizando o trabalho da imprensa em “atraí-las” para o espaço privado que foi, durante muito tempo reservado para elas. Este será o tema do nosso próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

Femininas, elegantes e maternais: imagens do feminino e os jogos discursivos na imprensa campinense

“Sociais”

O fato mais importante da semana foi sem dúvida, a escolha da Miss Paraíba 1958, que teve lugar êste ano em João Pessoa, numa festa no Clube Astréia. [Mas] não alcançou aquêlo retumbante sucesso de 1956 quando em uma festa jamais esperada no Campinense Clube, a senhorita Martha Zélia Cardoso, candidata da Associação Atlética Banco do Brasil, concorrendo com 4 outras senhoritas da sociedade local e com 4 representantes de outros municípios do Estado conquistou com brilhantismo e sucessivamente, os títulos de Miss Campina Grande e Miss Paraíba(...) Êste ano o título de Miss Paraíba 1958 coube à senhorita Stella Maria Stuchert, Miss João Pessoa, que esperamos represente tão bem quanto Zélia Cardoso e Margarida Vasconcelos a beleza da mulher paraibana, no concurso Miss Brasil (Evolução, Ano I, Num, 2, 14.06.1959, p. 4).

Os concursos de Miss¹¹ ficaram mais populares e concorridos depois que a brasileira Martha Rocha ficou em segundo lugar no concurso estadunidense da Miss mundo no ano de 1954. Como consequencia toda moça da “boa família” campinense se via estimulada a participar destes certames de ideais de beleza e cuidados com o corpo. Mas, para uma jovem que desejasse participar do evento, seria necessário, primeiro, possuir certos atributos além da beleza física, como simpatia e simplicidade.

No contexto dos anos 50, os processos de seleção de beleza feminina tornaram-se a nova forma de sociabilidade no espaço público. A ampliação dos meios de comunicação, como o rádio e as revistas, possibilitou uma maior visibilidade feminina nas capas de revistas e nas páginas de jornal campinenses, na quais as moças “sonhavam” com suas imagens “glamourosas e sofisticadas” estampadas. Assim, esses concursos de Miss tiveram um papel de definir os atributos de beleza que toda moça desejava ter, bem como a possibilidade de viverem momentos de visibilidade na sua cidade e no seu cotidiano (SOUZA, 2002, p.230).

Surgiram pois, Laice Mota, filha do capitalista Luiz Mota, que reúne os dotes físicos “predicados de nobreza”, Nídia Moura, integrante da lista das dez mais elegantes da cidade e

11 Segundo Antonio Clarindo Souza (2002, p. 223-224), esses concursos de beleza “sempre existiram na cidade, escolhendo entre as moças da ‘sociedade’ as mais belas e as mais simpáticas que freqüentavam as nove noites das festas natalinas”. Dentre os concursos de beleza existiam ainda os concursos da “Rainha do Milho”, quando das festas de São João ou ainda a “Rainha da Primavera”. A partir de 1954, quando uma brasileira, Srta. Martha Rocha, ganhou em segundo lugar, no concurso da “Miss Universo”, “este tipo de concurso ganhou dimensões épicas e estimulou as jovens paraibanas e campinenses a desfilerem a cada ano seus encantos pelas passarelas dos principais clubes da cidade, numa acirrada disputa de beleza e elegância”.

a gentil moça; Violeta Marques de Almeida Lima, elemento da “alta sociedade” campinense, Maria do Socorro; eleita a Rainha dos Estudantes e a “gentil” senhorita Dayse de Almeida, aluna do 1º ano Técnico da Escola de Comércio Alfredo Dantas. Entre as representações e os estereótipos de moças belas não poderia faltar às candidatas a Miss 1958, Stela e Zélia que “estavam ambas de verde muito felizes e muito esperançosas”. Todas essas mulheres tiveram suas vidas marcadas pela visibilidade nas colunas sociais em Campina Grande na década de 1950. Estavam inscritas nas páginas de jornal, em virtude de sua condição social do que propriamente pela sua beleza (Ver imagem 01).



Imagem 01: Personalidades de destaque entre as moças da sociedade campinense na década de 1950, evidenciando seus atributos físicos em revistas ou em colunas sociais de jornais que circularam em Campina Grande, na década de 1950: Respectivamente temos as senhoritas: Laice Mota (*O Rebate* 1953); a senhora Nídia Moura (*Evolução* 1958); Violeta Marques (capa da Revista *Ariús* 1955); Maria do Socorro (*Formação* 1952) e Dayse de Almeida (*Jornal de Campina* 1954).

A maioria das fotografias encontradas em jornais e revistas pertence a mulheres da elite campinense¹², pois as das classes populares eram excluídas das páginas sociais sendo reservadas para estas as notícias no âmbito policial¹³. Mulheres privilegiadas cujas famílias eram bem sucedidas econômica e socialmente, que desde cedo saíam do anonimato através de aparições nas capas de jornais, revistas ou em jornaizinhos de festas. Seus nomes estavam imputados nos preceitos normativos que não as dispensavam de possuírem uma atitude de discrição e “comportamentos castos, puros e maternais” (CAVALCANTE, 2000, p. 122).

Essas moças são flagradas pelas câmeras como protótipos de uma imagem da beleza feminina, seduzindo o leitor/a, o que conferia a elas uma notável visibilidade. Trata-se de imagens e discursos pesquisados em jornais campinenses na década de 1950, salientando a presença de mulheres belas, dotadas de elegância, discrição e simplicidade reunindo os atributos estéticos que a imprensa buscava alimentar. Essas mulheres, encontradas com as tantas Misses que desfilaram elegância e simpatia nos clubes sociais da cidade, parecem ocupar um lugar comum, seus corpos estampados nas páginas de jornal, protagonizando momentos de “espetáculos”.

Eram momentos de lazer e diversão, reservados para uma pequena elite campinense. Primeiro com os clubes sociais, como o *Campinense Clube*, o *Clube dos Caçadores*, o *Clube 31*, dentre outros, que proporcionavam, nas suas dependências, comemorações sociais e políticas, concursos de Misses e o baile de carnaval, que se configurava como a mais importante das festas. Saindo dos clubes, o público feminino requentava as salas dos cinemas, que marcaram a cidade de Campina Grande nas décadas de 1940-1950, com os filmes Hollywoodianos. Não optando pelo cinema, poderiam ainda ir ao Auditório da Rádio Borborema, ouvir as músicas mais famosas, cantadas pelos cantores mais conhecidos da região e do país¹⁴.

Assim como as lentes fotográficas que registraram os momentos da vida social de mulheres na década de 1950, este capítulo busca “iluminar” tais mulheres, a partir de (re) leituras em jornais que circularam na cidade neste período apresentado vidas que receberam registros das linhas impressas e dos flashes fotográficos, conferindo o lugar feminino nas

¹² Havia em Campina Grande, nas décadas de 1950-60, um predomínio de famílias tradicionais, ligadas ao comércio e a política, representantes das classes mais abastadas. Assíduas frequentadoras dos clubes sociais, essa elite campinense ocupava as páginas de jornal e revistas “figurando ainda nas colunas sociais e ou nas de fofocas dos jornalinhos de festas do final de ano”. Essa elite não só aparecia nas colunas sociais mas representava os valores e a estética de uma “sociabilidade clubística” (SOUZA, 2002, p. 220).

¹³ Sobre os discursos de mulheres das classes populares consideradas “desviantes” e “desordeiras” na imprensa campinense nas décadas de 1960-1970 ver: Gilmaria Salviano Severino (2006).

¹⁴ Sobre a vida social e o cinema nas décadas de 1940-1950 na cidade de Campina Grande, ver: Antonio Clarindo Souza (2002).

páginas de jornal e revistas. Páginas que desde a década de 1920, segundo Alomia Abrantes, eram “o lugar do belo, do ornamento e encanto, que parecem encontrar no retrato um aliado à sua perpetuação” (ABRANTES, 2000, p. 99).

No contexto estudado, o jornalismo campinense não ficava reduzido ao ingresso de trabalhos de intelectuais e letrados, mas era visto como um meio propagandístico de comerciantes e políticos, que se utilizavam dos periódicos para expor ideias e produtos. A narrativa da imprensa é construída a partir de vários discursos e imagens, propagandas, crônicas e artigos. Muitos dos jornais pesquisados vinham acompanhados de imagens de mulheres, que sugeriam os comportamentos femininos adequados àquela época.

Assim, percorrendo as páginas de jornal, buscamos ver e dizer um conjunto de imagens acerca dessas mulheres. Através dos jornais já citados anteriormente, encontramos aquelas que aparecem como protagonistas dos modelos femininos de beleza. Nosso desafio, portanto, é perceber os ideais de beleza propostos para a década de 1950, transmitidos pela imprensa, bem como pensar os espaços comuns para o feminino, a partir de discursos sobre as imagens desse gênero.

Analisando as imagens, propagandas, crônicas de moda, localizamos os espaços de sociabilidade feminina existentes na cidade. Estes constituem-se aqui como espaços de poder e saber, que empregaram outras maneiras para suscitar a visibilidade sobre o feminino. São lugares que foram ocupados por essas mulheres, e que vão sendo (re) elaborados através de discursos e imagens para elas. Assim, cabe problematizar a presença feminina no discurso da imprensa, através de imagens produzidas sobre mulheres, enquanto um discurso voltado para os seus corpos. “Corpos” utilizados aqui no sentido estético, que evidenciam os atributos físicos de mulheres da “alta sociedade” campinense. Quem eram essas mulheres? Quem escrevia sobre elas? Como eram representadas?

Desta forma, buscamos constituir um diálogo entre fontes escritas e iconográficas para reunir as imagens e os discursos escassos, dispersos, que nos informam sobre as representações de produtos que seduziam, principalmente, o público feminino, divulgados no jornalismo campinense na década de 1950. Assim, ressurgem histórias de mulheres que foram representadas na imprensa.

Os jornais locais da década, além de informarem sobre o ambiente sócio, político e cultural da cidade, exerceram papéis fundamentais na propagação ideais de consumo, como atrativo que se espera de uma cidade moderna. Com letras e imagens visíveis, estes jornais indicavam as casas comerciais, onde as pessoas poderiam encontrar os artigos de luxo, dirigidas, principalmente, às mulheres com as novidades do mercado da moda.

A leitura de jornais era um hábito comum entre os habitantes da “alta sociedade” campinense, juntamente com o rádio. Tentando convencer os ávidos consumidores, os proprietários das lojas e butiques aproveitavam os espaços de comunicação para divulgar os seus “artigos novos e de luxo”. Assim, “a publicidade surgiu como uma possibilidade de comunicação própria das cidades modernas” (CHAGAS, 2010, p.43).

Sob essa ótica, a imprensa, com o intuito de atrair leitoras, coloca o feminino como uma presença constante, seja através de suas fotos, seja através de propagandas que se dirigem a elas, com textos escritos por elas e sobre elas. Assim, coloca para o feminino a possibilidade de deslocar-se entre os espaços tidos como públicos, através de propagandas de moda, que trazem essa visibilidade, mas também a instauração de hábitos e comportamentos.

Ao mesmo tempo em que a imprensa exhibe imagens de mulheres, há a regulação de hábitos no espaço do privado. Ao mesmo tempo em que há visibilidade de seus corpos na imprensa, há uma disciplina. Embora sejam corpos dóceis, há lugares de comportamentos, padrões de estética a serem seguidos e vigilância desses mesmos corpos. Com relação à disciplina, Foucault (1987) nos fala que:

A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por um lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. (FOUCAULT, 1987, p. 119).

Estes corpos são vistos pelo seu poder de sedução, como algo possível de ser alcançado pelo universo feminino. A partir das práticas cotidianas torna-se pertinente analisar os lugares edificados para universo, através de seus encontros com o poder e o saber da imprensa. Os jornais deram possibilidade de acesso e incentivo para que mulheres pudessem (re) elaborar outros discursos e imagens para o feminino, contrariando por vezes, aqueles que foram produzidos sobre elas.

Conforme nos apropriamos da linguagem escrita nas páginas de jornal, percebemos os lugares que visibilizaram a escrita feminina, observamos o que as escritoras da época diziam sobre o “ideal” feminino, e ainda os requisitos lidos a partir da aparência física sugerida. Neste sentido, a partir das práticas cotidianas femininas, podemos pensar sobre as possibilidades existentes para que as mulheres pudessem escrever sobre o feminino. Nos discursos rastreados em jornais campinenses, encontramos imagens de mulheres consideradas

belas, mas também propagandas de mulheres desempenhando atividades domésticas, sempre com um aparente sorriso nos lábios, como se estivessem “conformadas” com sua realidade.

São esses jogos discursivos da imprensa que permitem “receitas” como essas: numa mesma página encontramos conselhos de moda e elegância aliada a uma receita culinária – Sua Receita: “*salada de galinha e arroz*”. Vejamos o que o jornal *Evolução* nos diz sobre as 10 coisas que a mulher campinense deveria possuir e usar para ser uma mulher elegante, a partir de uma enquete realizada na cidade de São Paulo e Rio de Janeiro, na década de 1950, entre as possuidoras de tal condição. (*Evolução*, 14 a 20/12/1958, Num. 27, Ano I).

I. Nunca esteja demasiadamente dentro da moda, saiba dar um toque pessoal, ao mais novo modelo, da mais ousada linha, lançado pelo costureiro mais em evidência. II. Tenha coragem de usar durante a temporada, mais elegante, um vestido que já exibiu na temporada anterior com a mesma segurança com que usou da primeira vez. III. Mesmo muito rica, não julgue ser elegante nunca repetir um modelo. Um sintoma de deselegância dá aquela que freqüenta 50 reuniões, e usa 50 modelos diferentes. IV. Mesmo que sua filha seja uma “gracinha”, não faça um vestido igualzinho ao dela e saiam as duas juntas. V. Pode comprar ou mandar fazer vários modelos “ultima linha”, mas não se esqueça de que a maioria de seu guarda-roupa deverá conter mais clássicos. VI. Se está certa que com o novo vestido você vai “parar o trânsito”, pode ficar certa de que também não estará elegante. VII. Saiba deixar em casa a metade de suas jóias e saia apenas com a outra metade. VIII. Nunca use alfinete prendendo qualquer parte da sua roupa, ai ele acabará fatalmente aparecendo ou a preocupação de não deixá-lo aparecer tirará toda elegância. IX. Quando receber em sua casa um vestido simples (ou mesmo um velho) que tiver apropriado para a ocasião, suas convidadas se encarregarão de usar modelos complicados. X. Mais personalidade do que qualquer costureiro, não aceitando um modelo que não goste, mesmo que lhe garantam que ficará elegante.

Diante do exposto no anúncio de jornal, percebemos que os conselhos fixam os “mandamentos” e os comportamentos aceitáveis e possíveis para o feminino na sociedade campinense. Conselhos que ditavam desde a hora da escolha da cor do vestido aos acessórios que realçassem a beleza das senhoras e moças que participavam dos eventos sociais. A cor terá um grande destaque entre a moda feminina nesta época. Tons claros e discretos, como o azul e o rosa, adereços de fino cristal, vestidos estampados ou de musselina claros serão valorizados e incentivados para elas, como sinônimo de elegância.

Será através da moda que a sociabilidade feminina será notabilizada, através do destaque na imprensa, gerando discussão tanto entre mulheres como entre homens. Desta forma, foi criada uma propaganda estratégica na imprensa, voltada para a moda e a etiqueta feminina, com regras de bom convívio em lugares públicos, na qual a imprensa combina a

imagem da mulher ao produto por elas consumido. São as “imposições da moda” ao público feminino (PERROT, 2008, p. 14-15).

Como já apontado no tópico anterior, a década de 1920 é marcada, na Paraíba, pela presença da mulher na esfera pública, provocando (re) definições na imagem feminina, o que a leva a conciliar suas roupas com seu poder de sedução. Segundo Alomia Abrantes Silva a visão dos seus corpos que mais chocará será “a ocupação do espaço público pelas mulheres”. Se naquela época “vêm os calafrios com as roupas de endaimes usadas pelas mulheres” essas reações do público masculino e feminino prevaleceram nos anos 1950, pois a visão da mulher nas ruas ainda chocava a sociedade e chamava atenção nas notícias impressas, devido ao estilo cada vez mais ousado do vestuário feminino. É o que percebemos na crônica de Élle Menezes para o jornal *O Rebate* (23.09.1949, Num. 852, p.09).

A moda espande-se assustadoramente. Os salões de baile, os cinemas e os passeios estão cheios de “girl”, que ostentam variados modelos, nos mais exóticos em cores e complexidade feito. – E as saias (pergunta-me algum do sexo oposto) – Ah! as saias? Estas sobem um pouco enquanto os decotes descem...

As imagens de mulheres nos jornais são mais que ilustração, pois ocupam os espaços da sua vida cotidiana e os acontecimentos por elas vivenciados. Através das imagens, existe um jogo de intenções, contendo ou não descrição em palavras, que estimula o leitor a produzir uma outra linguagem: a visual. Apesar desse apelo evidenciado pelas imagens sobre o feminino, não dispensamos os textos escritos, capazes de inscrever os modos e atitudes de feminilidade apoiados pelos signos da modernidade. Explorando os referenciais de beleza, construídos como sendo essencialmente femininos, buscamos perceber os efeitos dessas imagens que repercutiram na vida cotidiana das mulheres.

Expondo maquiagens, tratamentos de pele e cabelos, as propagandas ofereceram às mulheres as soluções para suprir as deficiências da natureza ou retardar os avanços do envelhecimento. O corpo torna-se alvo de cuidados. Juntamente com esses produtos de beleza surgem os cuidados com a saúde da mulher. Medicamentos, problemas conjugais, cólicas uterinas, os remédios se multiplicam e anunciam um verdadeiro arsenal contra as doenças que atingem e fazem adoecer um corpo que se pretende belo e saudável.

O primeiro passo com a preocupação da beleza feminina, seria, então, o cuidado com a saúde, através de propagandas de remédios “milagrosos” como o FLUXOSEDATINA, que prometia eficácia comprovada contras “as dores e as cólicas” e as “irregularidades das funções periódicas das senhoras”. Ou o ELIXIR 914, contra uma doença que atinge o corpo

da mulher, como a Sífilis, capaz de atacar todo o organismo “o fígado, o coração, a queda de cabelo”, provocando “Anemia e Abortos”. Desta forma, começaram a aparecer com mais frequência as propagandas de médicas especialistas em saúde da mulher, que atendiam em seus consultórios uma clientela feminina e infantil. (Ver imagem 02).



Imagem 02: Cuidados da saúde da mulher. FLUXOSEDATINA: contra as cólicas uterinas e irregularidades menstruais. ELIXIR 914: eficácia no tratamento da sífilis. ASTISIA SEXUAL: contra os problemas conjugais, astisia no homem e na mulher. BIOTONICO Fontoura: contra fraqueza e falta de apetite em crianças. (*O Rebate* 1950).

Mas esse ideal de beleza não era partilhado por todas as mulheres. Sobre isso, a escritora Terezinha Brasileiro Souza teceu algumas críticas. Para esta, sempre “há graça numa jovem mesmo que feia ela seja”. Recompensa a feiúra física com a bondade, a lealdade, sem fugir aos aspectos da natureza, pois toda jovem é dotada de encantos que a natureza lhes deu, não necessitando de maquiagens extravagantes. Todas as jovens, sendo belas, não necessitam, para a escritora, de preocupações com a beleza. Tais expressões são ocasionadas pelo modo como fala das moças que ostentam as faces e lábios pintados com “poses ridículas e, sobretudo, extravagantes. Assim, toda jovem moça deve

Conservar, enquanto a vida a permitisse, aquela maturidade que é todo o seu encanto. Que não repudiasse, julgando-a imprópria para a sua idade, aquela graça espontânea, aquêlo viço exuberante, que os 18 anos lhes deram. Um dia chegará a idade em que se faz mister ajudar a natureza. Um dia chegará, também para vocês, o tempo de empregar artisticamente a ajuda do batom e do rouge, das pinças e do Rimel, para atenuar os estragos dos anos, os estragos da natureza (*O Momento*, 17.09.1950, n 1, Ano I, p. 06).

É expressado, em algumas colunas sociais de Sevy Nunes, ao narrar sobre os modelos que as mulheres ostentavam em festas sociais, referências sobre as qualidades da aparência física, atribuindo uma aparência desejável à dona destes requisitos. Textos que abordam sobre as vestimentas que preferem a “mulher elegante”, quando “a moda empolga o espírito feminino e por sua vez impõe a admiração dos homens”.

Tal questão vem acompanhada pelo discurso da modernidade na Paraíba, no início do século XX. Destacamos o trabalho de Waldeci Chagas, *Urbanização e cotidiano na Paraíba de início do século XX* (2010), que traça um quadro panorâmico sobre o processo de desenvolvimento e modernização no Estado, como resultado, também, de questões culturais. Analisa os emblemas do moderno vivenciado no cotidiano da população através de propagandas em periódicos, como um recurso para divulgar as novidades da “arte de viver modernamente”. Assim, segundo este autor, a mulher que está inserida nessa modernização, irá se aproximar mais do espaço público, através de atrativos da moda. “A moda [irá] aproximá-las para uma conduta que passa a independe do referencial social” (CHAGAS, 2010, p. 48-49).

Para tanto, podemos enfatizar que as imagens do feminino na imprensa podiam ser tanto de elegantes candidatas ao concurso de Miss, como seres que “pilotão” fogões. É perceptível como tais estereótipos partem de modelos femininos de mulher “ideal”, se contrapondo as que estavam indo para a rua¹⁵, que se repetem no discurso de mulher honesta e recatada.

Desta forma, a imprensa campinense realçava a importância e o sentido da educação doméstica. Na crônica do intelectual e cronista campinense Christino Pimentel, encontramos essa valorização doméstica quanto às funções desempenhadas pelas mulheres como donas de casa. Nos casos em que os maridos encontram-se impossibilitados de desempenhar suas funções, devido à perda do emprego, a mulher dona de casa deve possuir o espírito e a convicção de Josephine Claes, pois,

¹⁵ Segundo a autora D’Incao, como contraponto ao surgimento de atividades femininas fora do âmbito doméstico também emergem discursos normativos nas primeiras décadas do século XX, por sua vez, não apenas questionando essas busca por trabalhos fora do âmbito domésticos, bem como valorizando as relações familiares como o matrimônio e a maternidade, numa forma de tentar atrair o retorno das mulheres no interior do espaço doméstico. Essa valorização será sustentada pelos discursos dos meios médicos, educativos e da imprensa, com suas propostas que “visavam educar a mulher para [desempenhar] o seu papel de guardiã do lar e da família” (D’INCAO, 2008).

na agonia de um desespero Deus inspira a mulher, e esta finda encontrando a salvação no methodo simples que empregue na direção de sua casa. Costurando, alinhavando os panos usados, transformando o molde e a cor de um vestido visto, cuidando da panella e da despensa a dona de casa é como a combustão produzido o calor, e deste gerando-se a felicidade no sentido que aqui é empregado (Voz da Borborema, *A mulher dona de casa*, 25.01.1938, p.03).

Diante do exposto, percebemos a preocupação do autor em incentivar a educação doméstica para as mulheres, pois estas deveriam primeiro, possuir os atributos de uma boa dona de casa. Sua fala segue a direção de muitos intelectuais e cronistas da época, que já percebiam, na década de 1930, o afastamento de mulheres de seus papéis tradicionais.

Já na década de 1950, encontramos a cidade promovendo um concurso doméstico considerado “rápido”, com duração de um ano, destinado a jovens moças da “boa sociedade” campinense, dentre elas Laice Mota, com recebimento de diplomas de futuras donas de casa ao final do curso. A cronista Sevy Nunes, que esteve na festa de entrega dos diplomas, desejou para as moças diplomadas seus mais sinceros votos de que todas as jovens formassem “seu lar o quanto antes, pondo em pratica a teoria em que são doutoras” (*Evolução*, 20.12.1958, Ano I, Num. 15).

Desta forma, o discurso da imprensa sobre a valorização da educação doméstica feminina seria uma tentativa de promover o retorno de mulheres afastadas dos “recônditos do lar”. Não era apenas de discursos de intelectuais e cronistas que a imprensa se utilizava para tentar “amarrar” a mulher no espaço privado. As propagandas também anunciavam as maravilhas domésticas, que seduziam, principalmente, o público feminino e estimulava o consumo. Esses produtos apontavam para o lugar adequado reservado às mulheres, já que apresentavam imagens de figuras femininas desempenhando tarefas domésticas.

Esses anúncios buscavam seduzi-las através de propagandas de produtos de beleza, espaços públicos de lazer e diversão, como cinemas, clubes sociais, teatro e o auditório da rádio. Desde que fossem devidamente acompanhadas tais opções sociais eram permitidas ao feminino. Os jornais que circularam em Campina Grande, nas décadas de 1940-1950, vinham repletos de propagandas, influenciando a vida cotidiana da população anunciando desde produtos de beleza a filmes estrangeiros.

As mulheres casadas - ou as jovens que pretendiam casar-se - da “boa sociedade” campinense poderiam refrigerar seus alimentos possuindo a GELOMATIC, refrigerador que não precisa da eletricidade para funcionar, dando “mais conforto a dona-de-casa e sua família”. Depois de refrigerar os alimentos, ela poderia cozinhá-los com o fogão BERTA, que

figurava entre os “melhores fogões da industrial nacional”. Ou à dona de casa poderia cozinhar as refeições de sua família com o fogão à gás MIPA, “como V. sonhava!”, pois a senhora ficará satisfeita com o “máximo conforto com o Forno espaçoso, com iluminação e porta de vidro, acabamento esmerado com esmalte a fogo”.

Para costurar seus vestidos, a dona de casa poderia possuir a máquina de costura MINERVA, “ideal para a senhora... para sua filha... e mais tarde, para a sua netinha”. Com a MINERVA, a dona-de-casa aprimora suas habilidades na costura e ainda economiza costurando seus vestidos. Não satisfeita com a MINERVA, a dona de casa ainda tem a opção da máquina de costura LADA. Esta máquina é a “melhor” e é a que toda dona-de-casa “precisa ter em seu lar” (ver imagem 03).



Imagem 03: O estímulo ao consumo ocupava espaços na vida cotidiana das pessoas. As propagandas seduziam o público, sobretudo o feminino, com as maravilhas domésticas. Respectivamente: Máquina de costura LADA (*O Momento* 1950); Fogão MIPA (*Jornal de Campina* 1954); Geladeira GELOMATIC (*O Rebate* 1950); Máquina de costura MINERVA (*O Momento* 1950); Fogão BERTA (*O Rebate* 1950).

Contudo, toda dona-de-casa também precisaria cuidar da aparência física. Assim, aquelas que fizessem algum passeio durante o dia ou participassem de algum evento social à noite, poderiam usar o CRAVOSAN, para uma limpeza facial profunda, “dissolvendo as impurezas e manchas da pele” provocadas pela maquiagem. Era uma forma de se manter jovem, ideal “toda mulher buscava”. Se usasse o CROVOSAN, poderia ainda remover pó e as gorduras e eliminar “rugas, cravos, sardas e espinhas”.

Caso o CRAVOSAN não desse muito resultado ou o LAVOLHO não fosse muito eficaz no tratamento dos olhos, ela poderia visitar o salão de beleza ODETE – Arte e beleza, para fazer penteados, manicure e pedicure, fazer aplicações e tratamento na pele. Todos esses anúncios ofereciam a possibilidade de realçar os atributos de beleza feminina, fossem leitoras donas de casa ou jovens moças (Ver imagem 04).



Imagem 04: Produtos de higiene e embelezamento femininos: Salão de Beleza ODETE (Revista *Ariús* 1954), a limpeza de Pele CRAVOSAN (*O Rebate* 1953), o tratamento dos olhos LAVOLHO (*O Rebate* 1956).

As propagandas são recorrentes quanto ao fato de divulgarem produtos de higiene e as maravilhas domésticas que seduziam o público, principalmente o feminino, mostrando os produtos que as mulheres “deveriam possuir”. Não era apenas a aquisição de uma nova e moderna máquina de costura, mas a própria obtenção de produtos que as direcionavam ao lugar do privado.

Os anúncios eram sempre realçados pela figura feminina exercendo tarefas domésticas, através de atrativos de mais facilidade e modernidade. As imagens mostravam as mulheres sempre felizes e satisfeitas, identificadas com seu pertencimento social. Assim, as mulheres dos anos 1950 que estavam saindo de casa para trabalhar, precisavam retornar para os seus lares, pois lá encontrariam os mais maravilhosos e modernos produtos domésticos que toda mulher “sonhava ter”.

Diante desse contexto, lançamos mão da seguinte questão: Como a sociedade absorve os discursos normativos da imprensa e se apropria dos discursos e imagens vinculados ao gênero feminino? Michel de Certeau (2007) enfatiza que as práticas sociais cotidianas estão repletas de invenções e criações que, muitas vezes, escapam à sujeição social e aos preceitos normativos. Para Certeau, na cultura ordinária, esses preceitos são exercidos por uma arte; arte de burlar, de escapar e de inventar outras normas através de táticas e astúcias cotidianas.

Após mostrarmos como algumas mulheres acionam outros lugares a partir de suas atuações no que se refere a sua escrita na imprensa, dirigimos o olhar para outra inquietação: Quais os espaços que incentivaram mulheres a escreverem sobre a presença feminina na cidade? Assim, selecionamos lugares e atitudes sugeridas pela imprensa campinense que atendam ao objetivo deste capítulo.

A partir das imagens é possível pensar como os discursos dos jornais enfatizam o papel feminino desempenhando atividades domésticas. Sobretudo a imagem 03, que expõe as propagandas com as maravilhas do lar. Segundo tal observação, é perceptível como os jornais fixam e reforçam lugares para o feminino, como um modelo “ideal” de mulher, honesta e recatada “dona do lar”. Estes estereótipos podem dar luz a um conjunto de narrativas sobre as imagens de mulheres na imprensa e os espaços por elas percorridos na esfera do privado. Embora não haja, aparentemente, um jogo estratégico com vistas a reforçar um poder de disciplinar as condutas femininas, há uma preocupação voltada para a família campinense.

De acordo com a escritora Terezinha Brasileiro, a moda nasceria de uma ânsia feminina de se apresentar sempre “bela e fascinante”, o que tornaria as mulheres, muitas vezes, escravas da moda, “sacrificando o conforto, a higiene e até a modéstia, aos seus caprichos”. Não que a nossa cronista negue a moda, mas reivindica que as mulheres não se

tornem escravas, pois “as modas foram feitas para nós e não o contrário, nós que o fomos para ela”.

Desta forma, a cronista desloca na sua escrita, o lugar “ideal” feminino de elegância, construindo outros parâmetros de beleza, que não aqueles voltados para acentuar os atrativos, ou a falta deles, de beleza e elegância. Para ela, as mulheres devem se servir da “moda com moderação”, para não proporcionar ao mundo um “triste espetáculo” ou um “ridículo espetáculo”. Em todo caso “é sempre melhor, em questão de modas, pecar por não as seguir integralmente, o que em muitos casos, dá uma nota agradável de personalidade, do que pecar por exagero” (*O Momento*, 29.10.1950,)

Esse discurso nos faz pensar os lugares vivenciados e inscritos sobre mulheres, para dá base para o nosso objetivo: retomar os espaços femininos que levaram e incentivaram mulheres a escreverem sobre a presença feminina na cidade. Desta forma, ressaltar as escritas femininas na imprensa que deslocam o lugar de modelo “ideal” feminino de elegância, construído através da escrita jornalística, construindo outros ideais de beleza, que não aqueles que estão sempre na “ânsia” de acentuar os atrativos da beleza e da elegância.

Ao passo que busco mostrar como algumas mulheres acionam outros lugares a partir de suas atuações no que se refere a sua escrita na imprensa, acabo por convergir o olhar para esta questão. Assim, selecionamos lugares e atitudes na imprensa campinense que focalize o nosso olhar sobre a escrita feminina, o objetivo de nossa análise.

O lugar de seus corpos e seus imagens tornaram-se por muito tempo visíveis ao público. Agora era a vez de tornar sua palavra dizível, através de suas escritas. Agora era vez de mulheres falar sobre si e sobre o feminino, sem se limitarem pelos rótulos de “brotos”, que tanto concorreram para a manutenção de estereótipos que atuaram na imprensa campinense sobre as imagens de mulheres. Este será o tema do nosso próximo capítulo.

CAPITULO 3

AS ESCRITAS FEMININAS

3.1 Terezinha Brasileiro: uma vida entre papéis.

O ano é de 1950. O prefeito Elpídio de Almeida vem realizando um grande empreendimento para o “engrandecimento de Campina Grande”. Também é época de eleições para governador, senador e presidente. Os ânimos estão agitados. No Estado da Paraíba, José Américo, Ruy Carneiro e Getúlio Vargas ganham com uma expressiva maioria. A cidade de Campina Grande sofre com a falta de abastecimento de água e pouca iluminação das ruas e praças. Entre as campanhas eleitorais uma figura está sempre presente: a mulher, que demonstra empenho e dedicação no apoio aos seus candidatos, o que não acontece entre “o chamado ‘sexo forte’”.

Nos cinemas é exibido “Nós as mulheres”. Os jornais anunciam mais uma nova marca de máquina de costura: MINERVA. Campina Grande ganha um novo jornal: *O Momento*. Este pretende ser diferente dos outros, ostentando a ausência de bandeiras políticas, ideológicas e religiosas. Na sua primeira edição é anunciada a presença de uma colaboradora, Terezinha Brasileiro Souza.

O redator deste jornal surpreende-se com uma mulher hábil na sagrada “arte de versejar”, pois não seria comum, pelo menos para ele, que ela desempenhasse tais funções. “Conhecemo-las artistas da música, da pintura, do canto. Mas... poetisa!... U’a moça em Campina Grande versejando. Sinceramente ficamos boquiabertos” (*Uma Poetisa*, 17.10.1950, Ano I, Num. 1, p. 5). Parece que o nosso redator desconhece os exemplares do Almanaque de Campina Grande de 1933-1934, e outros jornais que circularam na cidade nas décadas de 1930 a 1950, nas quais localizamos Iracema Marinho, dentre outras escritoras, peritas na “sagrada arte de versejar”.

Limitando a escrita feminina ao modo pueril, o redator Celso Rodrigues, referindo-se à escritora, elogia seus versos escritos com “*mãos de fadas*”. Ressalta esse, que vem acompanhado de uma ressalva “[...] belos sonetos, pela musicalidade dos seus versos, pela beleza admirável, dos panoramas rítmicos que ela travou a um mundo diferente, de sons incomparáveis e de harmonia cantantes, sob a doce cadencia das rimas e a quasi perfeita sincronização da métrica”.

Falas como essas de Celso Rodrigues apontam para escritas femininas ainda dispersas, pois explicam quão desconhecida e periférica ainda é a atuação feminina nesse âmbito. A partir de um discurso ambíguo e crítico sobre a escritora, argumento que ainda falta a poetisa “mais coragem nos conceitos e mais arrojo na linguagem para se tornar uma escritora de talento (O MOMENTO, 17.10.1950, Ano I, Num. 1, p. 5).

É nesse contexto que se inscrevem as duas escritoras, Terezinha Brasileiro Souza e Sevy Nunes. À luz de suas palavras na imprensa campinense na década de 1950, as imagens de seus corpos ornados nas páginas de jornal e revistas estavam mais visíveis. E nunca se escreveu tanto sobre o feminino, seja pela inserção de temas ligados a elas, seja pela inclusão de poemas, crônicas e colunas sociais assinados por mulheres, seja pela presença cada vez maior de anúncios que buscavam seduzi-las.

Nesse período, Terezinha Brasileiro Souza, cronista e poetisa, lança-se para um espaço que durante muito tempo foi limitado às mulheres: a escrita jornalística. Militante junto com tantos outros jovens estudantes da cidade participou ativamente das atividades do CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE¹⁶.

Embora nunca tenha trabalhado efetivamente no jornalismo local, fazia parte do ambiente jornalístico e cultural da cidade. Nos poucos anos que passou no município conheceu intelectuais e letrados, dos quais se tornou amiga. Sua vida foi marcada pela militância e correspondência com nomes da cidade e de outras regiões, com destaque para os escritores e poetas: Jansen Filho, Rocasiano Leite, Luís Otavio do Rio de Janeiro e Higino da África.

Filha de uma família de classe média, de formação religiosa, Terezinha Brasileiro Souza nasceu em 28 de agosto de 1929, na cidade de Piancó, Sertão da Paraíba. Em 1945, se mudou para Campina Grande para concluir os estudos primários como interna no Colégio Imaculada Conceição – Damas. Desde muito jovem já escrevia poemas e poesias, chegando a publicar – e a recitar na Voz de Campina Grande, Difusora Hilton Mota – alguns entre 1949 e 1951, nos jornais *O Momento e Formação*, para os quais também contribuiu com crônicas de cunho social e cultural. Parou de escrever em 1955, ano do seu casamento. Apesar de grande colaboradora da imprensa, “não trabalhou na arte escrita, mas participou do movimento

¹⁶ Este centro foi fundado em 6 de outubro de 1935, e tinha como objetivo fundar na cidade um núcleo que congregasse os estudantes campinenses, sobretudo os de baixa renda, defendendo os direitos da classe e prestando ajuda moral e material, com vistas sempre ao apelo social e cultural dos jovens, os quais seriam os futuros intelectuais e profissionais de Campina Grande.

estudantil e das manifestações culturais da cidade, trabalhando, somente, no escritório de Representação e no Laboratório Bezerra de Carvalho” (Socorro Brasileiro, 15.10.2010).

A seguir, eis imagens de Terezinha Brasileiro em poses que revelam algumas fases de sua vida como estudante e escritora. Fotografias dedicadas a sua tia Solé.



Imagem 05: Fotografia da escritora Terezinha Brasileiro Souza. Na primeira e na segunda foto ela aparece com 18 anos (03.09.1947/ 09.11.1947), na terceira foto ela aparece com 20 anos (03.03.1950) e na quarta foto ela aparece com 21 anos (28.08.1950), período que mais escreveu na imprensa. (Arquivo pessoal Socorro Brasileiro).

Firme em suas convicções, Terezinha Brasileiro tece comentários nas crônicas sobre a condição feminina que defendia centrada no trabalho e na educação. Imbuídas de fomentar o papel social e cultural das mulheres em Campina Grande, suas crônicas trazem uma visão dos modos de vida femininos, opinando sobre questões relacionadas à mulher e aos livros, a juventude, o casamento e a família, a mulher e o lar, dentre outros temas, buscando conciliar na sua escrita as diversas funções desempenhadas pelas mulheres campinenses.

Sobre a escrita feminina na década de 1920 na Paraíba, Alômia Abrantes (2000, p. 78) diz que a participação da mulher na vida pública foi possibilitada mediante a palavra impressa, que “abriu caminhos para as mulheres desafiarem limites e alcançarem lugares até então limitados ao seu sexo”. Não diferente das escritoras dessa década, as mulheres que escreveram na imprensa na década de 50 também tiveram que “desafiar limites” em Campina Grande, já que, ainda, a escrita feminina era tímida e “desafiadora” para as que se “aventurassem” participar da cultura intelectual e letrada na cidade.

Na década de 50, mulheres ainda “desafiam limites” na escrita jornalística, apesar da imprensa voltar suas atenções ao público feminino, embora reservando-lhe uma escrita aparentemente despretensiosa. A escritora, por vezes, desdobrava sua escrita para temas mais sérios, que muitas vezes fugiam aos ligados a moda e ao casamento.

Apesar de poucas mulheres terem tanta dizibilidade na palavra imprensa como Terezinha Brasileiro – embora seu nome não seja mencionado ou lembrado no jornalismo campinense – a sua escrita não toma o lugar da transgressão. Ela possui uma coluna feminina no jornal *O Momento* (1950-51) direcionada às mulheres campinenses, discorrendo sobre diversos temas: casamento, moda, beleza, amor, política, mulher. Enquanto a maioria das mulheres ocupava nas páginas de jornal um espaço nas colunas sociais e no meio propagandístico, a mulher defendida por Terezinha Brasileiro transita entre as fronteiras do espaço público e privado.

A escritora imprimiu nas páginas de jornal marcas de sua percepção sobre a sociedade e o feminino de sua época, tendo contribuído para ampliar a visão da participação de mulheres que se inseriram, de alguma forma, na vida pública da cidade. É o que percebemos na crônica *A mulher e a política* (*O Momento*, 15.10.1950, Num 5, Ano I, p. 5), na qual discorre sobre a participação e luta feminina nas eleições de 1950. Defendendo os seus ideais e candidatos, segundo a cronista, ninguém lutou mais do que a mulher, pois “ela agia por si, em casa, na rua, no trabalho, com uma boa vontade e um entusiasmo dêsses que devem merecer as grandes causas”. Terezinha defende a capacidade de ação do chamado “sexo fraco”, mas desde que seja com seriedade e disciplina, sem deixar que a empolgação de eleições nas ruas as levassem por “caminhos impróprios e deselegantes”.

Há quem dissesse que “a mulher não devia votar, nem se meter em política”. A cronista defende o contrário, para ela “Devemos votar. Devemos nos meter em política. O que não devemos é agir como criaturas desenfreadas, sacudidas pela paixão política, com esse furor que não é entusiasmo, com essa celúnia que não é democracia”.

Opõe-se ao ideal convencional da mulher ociosa reduzida ao lar, mas ao mesmo tempo critica mulheres que se exaltaram no “desejo de angariar votos” perdendo “a seriedade e a linha”. Desta forma, seus escritos transparecem traços de ambiguidade, na medida em que reúne atributos para a mulher campinense, considerados tipicamente femininos permeados de atitudes e ações masculinas.

A mulher que trabalha e participa da vida pública em Campina Grande é a que será percebida e comentada pela escritora, mostrando a condição feminina na cidade, defendendo o trabalho, a educação e também o casamento. Assim, a presença feminina desempenhando papéis na década de 1950 não ficava apenas reduzida ao meio educacional, sendo visível também na área da saúde e na imprensa. No fragmento abaixo, a cronista narra sobre a participação feminina, sobretudo a mulher campinense, na vida pública, desempenhando diversas funções profissionais.

Ao contrario do que se verifica em outras cidades nordestinas, a mulher campinense não é ociosa, como se ela apavorasse a idéia de cultivar a mãe dos vícios, segundo provérbio (...). Ela trabalha e trabalha muito. Entretanto, desculpe-me a franqueza, o seu trabalho é de um alcance restrito e pessoal. Dificilmente afronta as canseiras que um empreendimento sem escopo de lucro, embora conversível em bem coletivo, lhe traria (...). A mulher, a mulher jovem sobretudo, tem uma extraordinária capacidade de se dedicar... (Formação. Dezembro de 1950, no 1, Ano XV).

O objetivo da criação dessa imagem de mulher campinense laboriosa é explicitado em sua fala, pois ainda que o número de mulheres que exerciam alguma atividade técnica seja bastante significativo nos anos cinquenta, não chegava a competir com as profissões voltadas para o sexo masculino. Segundo notícia do jornal EVOLUÇÃO (Coluna: Ocupação das mulheres diplomadas, 26.01.1958, Ano I, N 21, p. 02), uma pesquisa realizada pelo IBGE naquele ano,

mostra a preferência das profissionais liberais, em conjunto, pelas atividades sociais e pela administração pública, achando-se virtualmente ausentes da indústria extrativa, da agropecuária, do comercio em geral (exceção feita por motivos óbvios, das farmacêuticas e praticas de farmácia) e dos serviços de defesa nacional.

Percebemos, nesta citação, que as atividades desempenhadas por mulheres na década de 1950 na cidade, ainda eram aquelas voltadas para o magistério ou para a área da saúde, sendo considerável o número de médicas, que possuíam consultórios próprios. Mesmo no campo da

profissão, há uma vigilância e uma divisão entre os gêneros: as médicas atendem ao público feminino ou infantil.

Apesar de jovem e solteira, Terezinha Brasileiro enfatiza o lugar da maternidade e da família refletindo sobre os deveres da mulher enquanto esposa, mãe e dona de casa. Além de trabalhar a mulher tem “uma tarefa especial na vida: o lar”. Sua visão corrobora uma posição que não dispensa o casamento como um agente embotador da capacidade intelectual, pois a liberdade feminina é diferente da liberdade do homem. Na sua fala,

A mulher de hoje, entretanto, fez do lar um acidente em seu caminho, deu-lhe um lugar secundário e ínfimo no cardápio de suas obrigações. Este fato lamentável é, em parte, uma reação contra a falada dependência e a discutida inferioridade femininas. É uma reação, mas é reação negativa. O lar não nos torna escravas nem inferiores. Ele é apenas um campo de luta diferente daquele onde militam os homens, mas nunca uma cadeia... Se tolhe um tanto os nossos movimentos não nos torna escravas. A verdadeira escravidão é a das idéias e ele não as pode prender... Imitemos o homem, não na sua maneira de combater, porém na sua maneira de encarar o combate. (*O Momento*, 24.09.1950, Num 6, Ano I, p. 5).

Pelo trecho em destaque, percebemos que a cronista tinha consciência dos deveres da mulher, da esposa e mãe, defendendo os valores da dona de casa, embora critique a submissão da mulher ao marido e a servidão a este. Assim, ela defende nos seus escritos a educação como fator indispensável para a “liberdade” feminina, pois, faz-nos crer que a verdadeira “escrava é a das idéias” e não a do lar. As obrigações domésticas não impedem as mulheres de se dedicar às “atividades intelectuais, artísticas, ou qualquer que seja [a] que desejemos”.

A escritora tentando explicar a valorização do anel nupcial, revela um certo conhecimento ligado à área de História – refere-se ao período da Roma Antiga para construir a simbologia do anel em torno da imagem original do casamento: aquela que torna tanto o “homem chefe da família, como a mulher guardião da mesma”.

Daí a responsabilidade da mulher que casa. Daí a necessidade imperiosa de que ela compreende, ante de casar, o que significa verdadeiramente casar. Infelizmente não é isso que acontece. A mocinha moderna, com algumas exceções, quando sobe os degraus do altar, ostentando o seu mais gracioso sorriso – complemento do rico traje e do rico ramallete que usa pode saber tudo, menos o que está fazendo (*O Momento*, Ano I, Num 8, p.5,12.11.1950).

O que deveria ser, verdadeiramente, o sentido do casamento para as mulheres e quais seriam seus deveres como esposa? Terezinha Brasileiro responde que, com certeza não seria o “corre-corre leviano” em busca do tão sonhado e desejado matrimônio como uma “solenidade bela”, mas sim uma meta, para aquelas noivas que realmente se preocupam com o que verdadeiramente seja o casamento: “a fidelidade a que estão obrigadas as que casam” e a “preocupação com a integridade do lar, em torno de sua solidéz estrutural”.

Nossa escritora descreve, então, o perfil desejável da mulher que busca o casamento, sem romper com os da mulher prisioneira do lar, confirmando que as mulheres podem trabalhar fora de casa, embora isso não seja um fator para abandonar seu papel doméstico, pois, conscientes dos deveres de esposa e mãe não se furtam pelos desafios que desfiguram essa ideia: “abandonando o lar, não convencemos os homens de que lhes somos iguais, entretanto o faremos, imprimindo em tudo a marca de nossa capacidade”.

O maior destaque nas suas crônicas fica para as prerrogativas do trabalho e da educação feminina, que inclui o que considera ser relevante ao gênero feminino, sem desconsiderar a importância que atribuiu ao papel feminino: “guardião do lar”. O matrimônio e a maternidade, têm uma função racional, e estão no destino das mulheres: “isto é uma verdade que os tempos não podem alterar, os homens não destruíram, nem as civilizações modificar conseguem” (*O Momento*, 12.11.1950, Ano I, Num. 8, p. 5). Embora valorizada pela escritora, não é um impedimento para que as mulheres realizassem alguma atividade fora do lar.

Assim, sempre dialogando com suas leitoras, Terezinha Brasileiro traz para as suas crônicas conselhos, conversas com amigos e amigas sobre os temas abordados em sua coluna. Uma leitora pergunta a nossa cronista: “Por que você não fala em sua próxima crônica sobre a mulher e o livro?” A cronista acha o assunto interessante e oportuno para se discutir no jornal. Com uma escrita comprometida com seu público, a cronista se torna, muitas vezes, ambígua na sua escrita, quando diz que a leitura de um livro é agradável e “útil” para as mulheres, porém, pode vir a ser “prejudicial se não orientada”.

A cronista se refere, principalmente, à leitura de romances pelas mulheres adolescentes, escolhidos por aquelas jovens que se acham “grandes demais para os contos de fadas e histórias da carochinha”, mas que ainda não possuem um caráter firme para “adquirir uma personalidade”, fazendo de sua “existência e dos sentimentos uma idéia inexata”, pois o romance, diferente dos livros chamados de “realistas”, “fogem a realidade corriqueira e trivial” (*O Momento*, 29.10.1950, Num 3, Ano I, p. 3).

Recorrendo a conhecidos nomes da literatura brasileira e estrangeira, a exemplo de: Jorge Amado, Dostoievski, Machado de Assis, Humberto de Campos, Augusto dos Anjos, a escritora utiliza esses textos como fontes de inspiração para enriquecer suas poesias e poemas. Seu estilo de escrita parece ter sido herdado do poeta expressionista Augusto dos Anjos¹⁷, revelando um tom sombrio e sarcástico característica central da obra desse escritor. Numa linguagem um tanto coloquial, rica em ritmados jogos de palavras, vocabulário, ideias e figuras de linguagem, trabalho com os versos retrata a personalidade da nossa escritora. Retiramos alguns dos muitos poemas escritos por Terezinha Brasileiro do “caderninho” de poesias da entrevistada Socorro Brasileiro (prima da escritora) e aqui os transcrevemos:

Acordo! Ouço a chuva na telha...
 Lá dentro um cheiro de café passado.
 Dentro de mim – um cheiro de azedo.
 De ilusão morrendo. Dia do meu aniversário.
 Dia de cumprimentos. Dia de telegramas.
 O carteiro gritando – Correio..e toc-toc do seu lápis na janela.
 As meninas correndo...Dia do meu aniversário.
 O beijo machucado de Socorro. O beijo delicado de Franquita.
 Minha avó com um presentinho, embrulhadinho, cor de roza...
 O telefone a tocar.
 E a voz de Argentina a perguntar: “Quantos anos?”
 E depois os abraços.
 Os desejos, os festejos.
 Tudo porque é meu aniversário.
 Dia de festa.
 Dia grande.
 “É o seu dia”.
 E ninguém a saber que no meu dia, acordo ouvindo a chuva
 No telhado.
 Sinto um cheiro de azedo de ilusão morrendo.
 E fico com vontade de dormir.
 Dormir e não acordar mais.
 Nem mesmo para ouvir os cumprimentos, receber os
 embrulinhos. Ouvir o telefone a retinar.
 Uma vontade de estirar o corpo.
 E de encolher a alma para sempre.
 (Aniversário, 28.08.1950).

Apesar de jovem, seus poemas expressam uma angústia e um sentimento melancólico raros para uma jovem no “Dia de meu aniversário”, quando faria apenas 21 anos. Utiliza-se do verso na tentativa de traduzir em palavras um sentimento de tristeza e vazio que parece

¹⁷ Foi um poeta brasileiro, identificado como simbolista e parnasiano. Sua linguagem sarcástica, agressiva chocou a muitos e foi alvo de várias críticas, mas hoje é um dos poetas brasileiros mais lidos.

dominar suas poesias, principalmente num momento que seria associado à alegria. Tal sentimento amargo e pessimista é o que mais transparece na sua escrita poética, dominada pelo desânimo ante a mais um ano de vida que “chora”.

Que dizer desses anos já passados?
Sonhos e coração despedaçado.
No turbilhão sinistro das crateras...

Para mim aumentou a minha dor.
Vejo a vida sem crença, sem amor.
Quando tenho 18 primaveras.
(27.08.1947).

Em outro poema, encontramos o mesmo sentimento melancólico diante do seu aniversário de 18 anos.

18 anos completos e já me enfada.
A vida, esta fornalha sempre acesa,
Que, usando a mais tétrica crueza...
Vai queimando de pouco compassada.

Assim, eu fiz a conta dos meus anos,
E vi, que entre tanto desenganos.
Muito pouco foi o tempo que eu vivi.
(Cansaço, 28.08.1947).

No seu aniversário de 19 anos, continua o olhar de desânimo perante à vida, apesar de admitir ser “jovem demais”.

Quantos anos de vida, tanto anos
Procurando na vida um fim qualquer.
Em cada vez – pesados desenganos.
Deixam-me um desconsolo de viver.

Eu não gosto da vida, muito embora
Seja jovem – talvez jovem demais.
Prá desejar com magoa tanto a morte!
(20 anos, 28.08.1949).

“Pesados desenganos” é uma expressão que se repete nas suas poesias, parecendo indicar seu tema predileto, explicitamente revelando seus sentimentos e desamores. Assim é Terezinha Brasileiro Souza, uma mulher que critica a moda, que “aconselha” o casamento,

estimula uma educação feminina, na medida em que não apresenta novas possibilidades de acesso ao feminino na vida pública da cidade, ao passo que defende o casamento como um caminho possível para toda a mulher.

Através de outros discursos e outras imagens para o feminino, Terezinha Brasileiro marca um lugar diferencial na imprensa campinense, apesar de abordar temas tão conservadores como o casamento. Narrando assuntos que fogem a uma escrita pueril, esta escritora, apesar de não ser mencionada no jornalismo campinense, não se limitou a uma escrita “frágil” e por vezes “banal”. Ela expressou nos seus textos atitudes e atributos que as mulheres possuem, consideradas pela autora como próprias do feminino. Sua visão singular a respeito da vida a tornou uma escritora e intelectual importante em Campina Grande na década de 1950.

3. 2 Sevy Nunes: traços de uma colunista social.

É no contexto da década de 50, em meio a um cenário de valorização da imagem da mulher como dona de casa “moderna”, ou seja, aquela que agora sabe pilotar o seu fogão e toda essa maquinaria do espaço doméstico, que a professora Sevy Nunes se lança como colunista social.

Com uma Coluna Feminina no jornal *Evolução*, a colunista social Sevy Nunes (Yves), aborda os eventos sociais, políticos e culturais realizados, sobretudo, pela elite campinense nos anos de 1958-1959. O redator Josué Sylvestre ao anunciar a participação feminina no jornal, reconhece a importância da palavra da mulher para este semanário e destaca sua influência na vida pública da cidade naqueles anos. Ao lançar a página feminina da colunista Yves, expressa:

(...) a mulher atual, cônica de seu valor sabe que se faz mistér o seu concurso a bem da humanidade. As mais altas civilizações sociais, no momento, têm sido prestigiada pela influência de mulheres notáveis em moral, inteligência e maneira sábia de dirigir (...) a mulher tornou-se um elemento altamente benquisto, tanto como fonte de trabalho lucrativo, tanto financeiro (...) Hoje a mulher inicia-se nas diversas profissões e carreiras integrando-se no comercio, imprensa, arquitetura, ciências, artes, política, sem falar nos que já exerciam – únicas que lhes eram confiadas a salvo de comentário – professora e enfermeiras. (*A MULHER EM EVOLUÇÃO*, 18.10.1958, Ano I, Num. 19, p. 06).

A presença feminina no semanário EVOLUÇÃO marca uma reconfiguração no espaço público campinense na década de 1950, contribuindo para romper com o confinamento da mulher no espaço doméstico. Ao promover a participação feminina na escrita, este jornal contribui para ampliar o espaço social nas relações de gênero.

Assim, a inserção da mulher nesse periódico sinaliza uma tentativa de valorização de temas e imagens que fogem ao âmbito doméstico, ou por temas que são, muitas vezes, pouco discutidos com relevância social, a exemplo da moda feminina, da participação da mulher na esfera pública, de mais engajamento da mulher em profissões que foram por muito tempo exclusivas do sexo masculino. Neste sentido, o campo jornalístico configura-se como um lugar de sociabilidade entre os diferentes sujeitos sociais e culturais.

Severina Nunes de Farias nasceu em uma família influente na cidade de Monteiro, Estado da Paraíba, no dia 08 de agosto de 1922. Filha de Cícero Nunes de Farias e Isabel de Farias. Reside em Campina Grande desde os primeiros anos da infância, quando foi interna no ano de 1935 no Colégio Imaculada Conceição – Damas¹⁸– destinado a moças da boa sociedade campinense e região. Recebendo o título de cidadã campinense no ano de 1999.

Esta solenidade foi noticiada em diversas colunas sociais da cidade, a coluna de Graziela Emerenciano no Diário da Borborema (15.08.1999); Tessituras de Elizabeth Marinheiro, também no DB (29.08.1999); o Pólo Político de José Morais Lucas no Jornal da Paraíba (22.08.1999), sempre como a mais importante colunista sócia, ex-mestra e uma das “figuras mais amadas e respeitadas” do Jornal da Paraíba.

Sevy Nunes atuou em vários órgãos de imprensa do estado da Paraíba, como *A União*, *Diário da Borborema*, *Gazeta do Sertão*, *O Norte*, *Correio da Paraíba*, *A Folha*, *A Palavra*, *Jornal da Paraíba* e no jornal *a Evolução*, usando o pseudônimo de Yves, além de ter sido a primeira apresentadora de programa social da TV Borborema (1963).

Também atuou como professora de latim, lecionando durante muitos anos em escolas de Campina Grande, entre as décadas de 1940-1970. Foi, também, assídua participante de Congressos brasileiros sobre Teoria e Crítica Literária e membro atuante da Associação Cristã Feminina de Campina Grande.

Yves¹⁹ foi uma personagem de vida agitada, marcada pelas longas e divertidas horas em festas sociais e muitas viagens pelo mundo, e assim não poderia ser apenas lembrada ou

¹⁸ Fundado em 1931, era uma escola exclusivamente para mulheres, situado no antigo Largo do Rosário, sob direção de mulheres religiosas da Instituição Cristã.

¹⁹ Pseudônimo usado por Sevy Nunes, quando escreveu para o semanário *a Evolução*, nos anos de 1958-1959. No início do século XX, segundo Norma Telles (2008, p. 431), muitas escritoras adotaram pseudônimo para “encobrir a identidade, para serem aceitas pelo público”. O pseudônimo passa a ser um nascimento do segundo eu, que assinala o surgimento da escritora. Desta forma, a partir daqui, passaremos a chamar Sevy Nunes de Yves, devido, sobretudo, à época em que escreveu sob essa denominação, já que corresponde ao recorte temporal de nossa pesquisa.

mencionada como uma brilhante colunista social. Conhecendo um pouco da vida de Yves, transcendemos os tópicos das notas de colunas sociais que a nomeiam sempre como mais um “importante nome do colunismo social de Campina Grande” ou pelo “importante trabalho que fez nos salões da cidade”.



Imagem 06: Fotografias de Sevy Nunes em alguns dos vários lugares que ela frequentou: salões de clubes sociais da cidade, como o *Campinense Clube*; em companhia de amigos e intelectuais da cidade e reuniões políticas, como a visita com Cônsul Noujaim Habib. E com o escritor Jorge Amado. (Arquivo pessoal Sevy Nunes).

Outros detalhes sobre a vida de Yves ainda nos espaçam a apreensão. Onde Yves teria estudado depois de terminar o ensino das primeiras letras no Colégio das Damas? Teria feito a Escola Normal, ou algum outro curso profissionalizante, haja vista que as moças da “boa sociedade” daquela época tinham a oportunidade de ingressar na Escola Normal.

Mas, afinal, quem teria sido essa colunista que foi tão influente no meio jornalístico por mais de 40 anos? Quem teria sido Yves? Essa pergunta não poderá ser totalmente respondida. Mas, através de conversas com seus amigos e admiradores, ao lê seus textos jornalísticos e/ou apreciadas fotos por onde andou, formam-se vínculos que vão se conectando com a sua vida. Desse modo, através dessas fontes, descobrimos um pouco sobre essa educadora/ escritora que foi uma notável colunista e quais as suas contribuições para o jornalismo campinense.

Por não ter regressado a sua terra natal, Yves até hoje mora sozinha em um apartamento no centro da cidade. Este estado civil pode ter proporcionado a escritora um círculo grande de amizades, que vai desde famílias mais abastadas até os intelectuais e letrados da cidade. Essa convivência pode ter incentivado-a a dedicar-se às atividades jornalísticas.

Yves é um exemplo de moça da “boa família” que se aventurava pelas ruas da cidade, a fim de trabalhar, estudar ou apenas participar dos eventos sociais. As transformações advindas com o processo de modernização que atingiu Campina Grande, principalmente nas décadas de 1930 a 1950, levaram muitas mulheres a saírem do âmbito privado. Essa saída ocasionou questionamento por parte da sociedade, pois consistia em uma maior participação feminina na esfera pública (SOUSA, 2006).

Yves foi contemporânea dessas transformações na sociedade campinense, convivendo com o novo cenário de inserção da mulher na vida pública e no espaço urbano. Foi uma das poucas mulheres que empreendeu várias e longas viagens pelo mundo, lugares onde passava férias em companhia de amigos e amigas.

Devida à notável posição adquirida no campo jornalístico e nos salões de festas sociais, Yves se deslocou do território do privado, anteriormente reservado para as mulheres na sociedade. Isso nos conduz à seguinte questão: será a participação feminina no espaço público uma forma de transpor os limites do âmbito do privado ou esta depende em grande parte de mudanças nos comportamentos e nos costumes sociais advindos com o processo de modernização naquela época?

Abordando temas variados, com enfoques dirigidos às personalidades locais, o trabalho jornalístico de Yves (coluna social), se mostra interessante e importante, uma vez que seus escritos repercutem nos estilos de vida do universo feminino. Neste sentido, a imprensa social desempenha um papel significativo, enquanto um meio de expressão da sua vida e de sua arte, através do espaço público que lhe foi reservado: o colunismo social campinense.

É nesse ambiente que Yves não apenas narrou sobre acontecimentos da vida social mas, através de conselhos e sugestões interagiu com o público, quando as leitoras se correspondiam com a colunista, fazendo perguntas de seu interesse. Os temas não ficavam apenas reduzidos às notícias sociais, mas sempre que a colunista achava conveniente abordava os acontecimentos relativos à política e à economia em Campina Grande.

Desta forma, Yves buscava se afirmar como escritora num terreno de conflitos sociais de gênero, onde os discursos sobre a escrita feminina não ocupavam um lugar previamente moldado pela intelectualidade. Assim, os direitos de participar dos espaços públicos vão sendo disputados cotidianamente através das atuações de mulheres como Yves na imprensa campinense.

Considerações Finais

Chegamos ao final deste trabalho, com ênfase nas personagens Terezinha Brasileiro Souza e Sevy Nunes, percorrendo o universo de suas escritas em Campina Grande na década de 1950. Para tanto, alguns passos iniciais do estudo merecem ser mencionados

Quando iniciamos o percurso fomos questionadas sobre a participação feminina em periódicos da cidade, surgindo perguntas como: “Existem mulheres que escreveram na imprensa em Campina Grande?” Ou afirmativas quanto à legitimidade de uma escrita feminina: “Colunista social não é escritora”. Indagações que permaneceram no decorrer da pesquisa, principalmente diante do silêncio em torno de escritoras que atuaram na imprensa e da dificuldade de encontrar fontes para fundamentar nossa proposta.

Nas pesquisas em jornais encontramos citações de mulheres, através de crônicas, artigos sobre moda, propagandas domésticas, produtos de higiene e beleza ou por intermédio dos concursos de Miss que se tornaram mais populares na década de 1950. Assim, analisamos as imagens femininas como corpos inscritos pelos jogos discursivos da imprensa. Este foi o tema do nosso segundo capítulo, com enfoque dos discursos e das imagens femininas na imprensa campinense.

Mulheres foram inscritas no universo jornalístico, evidenciadas pelos seus atributos físicos, conferindo ao feminino uma visibilidade. Contudo, por suas próprias falas, algumas mulheres fizeram mais do que ocupar o lugar de seus corpos nas páginas da imprensa, ocupando esses espaços para discutir o lugar do feminino, as condutas e atitudes pertinentes às mulheres no contexto estudado.

Nessa perspectiva, em nosso terceiro capítulo tentamos apresentar uma visão sobre as escritas femininas na imprensa que marcaram os anos 50, discutindo temas relativos ao feminino para um público idem. As suas escritas inscreveram-se no contexto marcado pelas imagens de seus corpos ornados nas páginas de jornal e revistas que apareciam de forma mais visível num momento histórico em que nunca se escreveu tanto sobre o feminino. Seja através da inserção de temas ligados à mulher, seja pela produção intensa de poemas, crônicas e colunas sociais assinados por elas, seja pela inserção cada vez crescente de anúncios que buscavam seduzi-las.

Através dos textos das escritoras, percebemos que no contexto a que nos reportamos, mais do que a participação feminina na imprensa, prevalecia a atuação de mulheres na esfera pública, cenário que pouco valorizava o universo feminino. Assim, podemos dizer que as suas

escritas constituíram um diferencial na imprensa campinense, pois as escritoras não se limitaram a uma escrita “frágil” e “banal”, através de crônicas, poemas ou colunas sociais. Elas se inseriram como escritoras e intelectuais, onde os discursos sobre a escrita feminina não ocupavam um lugar previamente moldado pela intelectualidade local.

Muitas indagações acerca dessa problemática ainda permaneceram sem respostas ao logo deste trabalho, sobre os espaços públicos que incentivaram a escrita feminina, permitindo-lhe (re) elaborar outros lugares e discursos para o feminino. Quando propomos essa discussão sobre tivemos a intenção de reafirmar a importância da visibilidade feminina através de suas escritas no universo de uma sociedade que sugere essa prática como algo próprio do gênero masculino. Com esta compreensão, este estudo manifesta o desejo de pensar porque a escrita feminina na imprensa campinense se apresenta com poucas escritoras em comparação com a produção intelectual masculina. Refletir sobre as fronteiras que as delimitam e as excluem nessa sociedade implica contribuir para desconstruir a própria concepção de escrita e do que é *ser* escritora, ao mesmo no nível de uma discussão acadêmica.

Pensar que essas escritoras tiveram sua história, e que suas escritas não terminam por aqui, oferece-nos inspiração para que possamos alcançá-las, costurando fios para readaptá-las em outros contextos, trazendo suas escritas para outros lugares e tempos. Essas escritas de mulheres consistem apenas no início de muitas outras que ainda serão (re) lidas. São escritas que não se fecham em si. Pelo contrário, lançam indagações, merecendo um olhar mais aguçado, além do que desenvolvemos, para que tais questões possam ser ampliadas, entrecruzando outras fontes além de jornais, tecendo outras narrativas.

FONTES CONSULTADAS

1. FONTES.

1.1 Fontes Orais.

1. Depoimento de D. “Zefa”, concebida a autora no dia 30.08.2010.
2. Depoimento da Sra. Socorro Brasileiro, concebida a autora no dia 15.10.2010.

1.2 Fontes Impressas.

1.2.1 Jornais

O MOMENTO, Campina Grande - PB, 1950-1951 (Exemplares avulsos existentes no Museu Histórico de Campina Grande).

O REBATE, Campina Grande – PB, 1949-1950 (Exemplares avulsos existentes no Museu Histórico de Campina Grande e no Arquivo Átila Almeida).

VOZ DA BORBOREMA, Campina Grande – PB, 1938 (Exemplares avulsos existentes no Museu Histórico de Campina Grande e no Arquivo Átila Almeida).

A FORMAÇÃO, Órgão do Centro Estudantal Campinense, Campina Grande – PB, 1949-1957 (Exemplares avulsos existentes no Museu Histórico de Campina Grande e no Arquivo Átila Almeida).

JORNAL DE CAMPINA, Campina Grande – PB, 1954 (Exemplares avulsos existentes no Museu Histórico de Campina Grande)

A EVOLUÇÃO, Campina Grande – PB, 1958-1959 (Exemplares avulsos existentes no Museu Histórico de Campina Grande)

1.2. 2 Revista.

Ariús, Campina Grande, PB, 1952-1955 (Exemplares avulsos existentes no Museu Histórico de Campina Grande).

Ariús – agosto de 1953 - Ano 2- Vol. 2 N. 2.

Ariús – janeiro de 1955 – Ano 3 – Vol.2

2. Instituições de Pesquisa.

Acervo do Museu Histórico de Campina Grande

Acervo Átila Almeida (UEPB)

Biblioteca da UEPB

Biblioteca da UFCG

3. REFERÊNCIAS

- BONADIO, Maria Claudia. **Moda: Costurando a mulher e espaço público** – estudo sobre a sociabilidade feminina na cidade de São Paulo (1913-1929). Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.
- BOURBIEU, Pierre. *A Ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & Abusos da história oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.
- CAVALCANTE, Silêide Leila Oliveira. **Mulheres modernas, mulheres tuteladas: o discurso jurídico e a moralização dos costumes - Campina Grande 1930-1950**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.
- CHAGAS, Waldeci Ferreira. *Urbanidade, modernidade e cotidiano na Paraíba do início do século XX*. In: ABRANTES, Alômia. SANTOS NETO, Martinho Guedes (orgs.). **Outras histórias: cultura e poder na Paraíba (1889-1930)**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2010.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. 13 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2007.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Universitária/ UFRGS, 2002.
- _____. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990. (Col. Memória e Sociedade).
- CIPRIANO, Maria do Socorro. **A Adúltera no território da infidelidade: Paraíba nas décadas de 20 e 30 do século XX**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, SP, 2002.
- COUTINHO, Ana Maria. **Literatura e memória: resgate das escritoras paraibanas no início do século XX**. (http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_ana_coutinho.htm)
- DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres: As vozes do silêncio*. IN: FREITAS, Marcos Cesar (org.). **Historiografia Brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.
- D'INCAO, Maria Ângela. *Mulher e família Burguesa*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

- ESTEVEES, Martha Abreu. **Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete, Petrópolis, Vozes, 1987
- FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2.ed. São Paulo; Associação Editora Humanitas, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campina, SP: Editora da UNICAMP, 1992.
- LUCA, Tânia Regina. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.
- LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MALUF, Marina. MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do mundo feminino*. IN: MORAIS, Fernando A. **História da Vida Privada no Brasil**. V. 3. SEVCENKO, Nicolau (org). São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MATOS, Maria Izilda. *História das mulheres e gênero: usos e perspectivas*. IN: MELO, Hildete Pereira de. PISCITELLI, Adriana. MALUF, Sônia Weider. PUGA, Vera Lucia (orgs.). **Olhares Feministas**. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2009.
- PARENTE CUNHA, Helena. *A coragem transgressora das escritoras oitocentistas*. IN: PERROT, Michelle. **Minha História das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- SALES, Ana Maria Coutinho de. **Tecendo fios de liberdade: Escritoras e professoras da Paraíba do começo do século XX**. Tese [Doutorado em Teoria Literária]. Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.
- SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

- SEVERINO, Gilmária Salviano. **Assustadoras histórias de mulheres: um inventário de imagens e discursos na imprensa campinense (1960/1970)**. Monografia. Unidade Acadêmica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, PB, 2006.
- SILVA, Alômia Abrantes da. **As escritas femininas e os femininos inscritos: imagens de mulheres na imprensa parahybana dos anos 1920**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.
- SILVA, Favianni. **A Eva do século XX: Analice Caldas e outras educadoras – 1891-1945**. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE. UFPB, João Pessoa, Paraíba, 2007.
- SILVA, Antonio de Pádua da (org.). **Gênero em questão: ensaios de literatura e outros discursos**. Campina Grande: EDUEPB, 2007
- SOUSA, Fabio Gutenberg Ramos Bezerra. *Territórios de Confrontos: Campina Grande 1920-1945*. Campina Grande: EDUFPG, 2006.
- SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres permitidos, Prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)**. Recife: Programa de Pós-graduação em História da UFPE, 2002.
- TELLES, Norma. *Escritoras, escritas, escrituras*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.